



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM  
COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE – PPGCOMS

**DÉBORA DOS SANTOS GOMES**

**ETNOMÍDIA:**  
CONTRA-NARRATIVAS INDÍGENAS NAS REDES DIGITAIS

Palmas–TO  
2022

DÉBORA DOS SANTOS GOMES

**ETNOMÍDIA:**  
CONTRA-NARRATIVAS INDÍGENAS NAS REDES DIGITAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOMS). Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. André Luis Campanha Demarchi

Palmas – TO  
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- G633e Gomes, Débora dos Santos .  
Etnomídia: Contra-narrativas indígenas nas redes digitais . / Débora dos Santos Gomes. – Palmas, TO, 2022.  
76 f.  
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Comunicação e Sociedade, 2022.  
Orientador: André Luis Campanha Demarchi  
1. Etnomídia. 2. Contra-narrativas. 3. Rádio Yandê. 4. Mídia Índia. I. Título  
**CDD 302.2**
- 

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

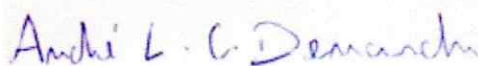
**FOLHA DE APROVAÇÃO**  
**DÉBORA DOS SANTOS GOMES**

**“Etnomídia: Contra-narrativas indígenas nas redes digitais”**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 30/03/2022

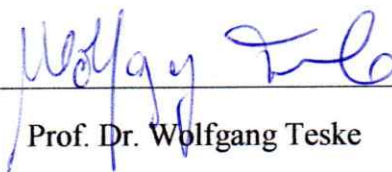
Banca Examinadora:



---

Prof. Dr. Andre Luis Campanha Demarchi

Universidade Federal do Tocantins  
Orientador



---

Prof. Dr. Wolfgang Teske

Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS)

Primeiro avaliador



---

Prof. Dr. Sérgio Ricardo Soares Farias Silva

Universidade Federal do Tocantins  
Segundo avaliador

*Dedico este trabalho aos meus pais.*

*Os povos indígenas não são seres ou sociedades do passado. São povos de hoje, que representam uma parcela significativa da população brasileira e que por sua diversidade cultural, territórios, conhecimentos e valores ajudaram a construir o Brasil.*  
*(Gersom Luciano Baniwa)*

## **AGRADECIMENTOS**

A. Deus.

Ao meu pai Ederval Bezerra e minha mãe Maria Angelina, por todo apoio e dedicação que sempre tiveram comigo.

Ao meu orientador, André Demarchi, pela paciência e por compartilhar seus conhecimentos em cada reunião. Gratidão por acreditar no meu trabalho e em mim!

Aos meus amigos Kamily Pantoja, Sebastião Nascimento, Adriana Paz, Elâine Jardim, Ludyane Ferreira e Wallace Pereira pelo carinho e companheirismo durante esses anos.

A todos os meus professores do PPGCOMS e todos meus colegas de turma que me receberam tão bem durante o mestrado. Muito obrigada!

## RESUMO

A presente pesquisa busca compreender como as etnomídias indígenas contribuem na construção de contra-narrativas nas redes digitais. Entende-se por etnomídia uma ferramenta adotada por diferentes grupos étnicos (indígenas, quilombolas, caiçaras, romanis entre outros) que se autorrepresentam por meio da convergência de mídias. Nessa pesquisa voltada para a etnomídia indígena, trata-se de compreender a construção das contra-narrativas da Rádio Yandê – primeira web rádio feita e produzida exclusivamente por indígenas e, também, a Mídia Índia – uma das maiores redes de comunicação produzida por jovens indígenas no contexto brasileiro. As análises foram realizadas a partir das redes sociais de ambos grupos, especificamente o Facebook e Instagram, já que são as redes sociais com maior número de usuários no mundo. Por sua vez, aderiu-se ao método da netnografia, pois investigou-se a atuação dos comunicadores indígenas na internet, bem como a construção dos discursos acerca de suas culturas e etnias. Nos resultados, observou-se que a inserção indígena nas redes digitais contribui para a construção de contra-narrativas produzidas pelos povos indígenas, uma vez que são discutidas temáticas que em sua grande maioria não tem a mesma visibilidade nas mídias tradicionais.

**Palavras-chaves:** Etnomídia. Contra-narrativas. Rádio Yandê. Mídia Índia.



## ABSTRACT

The present research seeks to understand how indigenous ethnomedia contribute to the construction of counter-narratives in digital networks. Ethnomedia is understood as a tool adopted by different ethnic groups (Indigenous, Quilombolas, Caiçaras, Roma, among others) that seek to represent themselves through media convergence. In this sense, the object of study will be Rádio Yandê – the first web radio made and produced exclusively by indigenous people, and Mídia Índia – one of the largest communication networks produced by indigenous youth. The analyzes were carried out from the social networks of both groups, specifically Facebook and Instagram, since they are still the social networks with the highest number of users in the world. In turn, the method of netnography was adopted, as the performance of indigenous communicators on the internet was investigated, as well as the construction of discourses about their cultures and ethnicity. Authors such as Carneiro (2020), Bastos and Nascimento (2020) and Neves (2013) were mainly responsible for the theoretical basis. In the results, it was observed that the insertion of indigenous people in digital networks has contributed to the construction of counter-narratives produced by indigenous peoples, since themes are discussed that for the most part do not have the same visibility in traditional media.

**Key-words:** Ethnomedia. Counter-narratives. Radio Yande. India Media.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Perfis em apoio aos Guararani- Kaiowá .....	22
<b>Figura 2</b> - Xilogravura do Novo Mundo.....	27
<b>Figura 3</b> - Website do Programa de Índio .....	29
<b>Figura 4</b> - Layout do portal Índios Online.....	32
<b>Figura 5</b> - Publicação do Coletivo Timbira no Instagram .....	33
<b>Figura 6</b> - Publicação do “indígena memes” no instagram .....	33
<b>Figura 7</b> - Publicação do perfil de Maira no instagram .....	34
<b>Figura 8</b> - Twitter da ativista Sônia Guajajara.....	34
<b>Figura 9</b> - Anápuàka Tupinambá, fundador da Rádio Yandê.....	40
<b>Figura 10</b> - Denilson Baniwa e sua obra de arte “Curumin” .....	41
<b>Figura 11</b> - Artista Daiara Tukano, coordenadora da Rádio Yandê .....	42
<b>Figura 12</b> - Página inicial do website da Rádio Yandê .....	43
<b>Figura 13</b> - Página do menu "Blog" .....	45
<b>Figura 14</b> - Facebook da Rádio Yandê .....	46
<b>Figura 15</b> - Página da Rádio Yandê no Instagram.....	47
<b>Figura 16</b> - Divulgação do Abril Indígena .....	48
<b>Figura 17</b> - Matéria sobre a UHE Belo Monte .....	49
<b>Figura 18</b> - Live em celebração a década da arte indígena contemporânea .....	57
<b>Figura 19</b> - Live em celebração a década da arte indígena contemporânea .....	62
<b>Figura 20</b> - Instagram da Mídia Índia.....	64
<b>Figura 21</b> - YouTube da Mídia Índia.....	65
<b>Figura 22</b> - Menus do site Mídia Índia .....	65
<b>Figura 23</b> - Novo layout do site da Mídia Índia .....	66
<b>Figura 24</b> - Grafismo indígena .....	67
<b>Figura 25</b> - Desafio challenge indígena.....	68
<b>Figura 26</b> - Língua indígena ressaltada na Mídia Índia.....	69

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Sites de organizações indígenas no Brasil .....	23
---	----

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1</b> - Quantidade de publicações da Mídia Índia no Facebook.....	63
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**APIB** – Articulação dos Povos Indígenas no Brasil

**ANAI** – Associação Nacional de Apoio ao Índio

**COIAB** – Associação Nacional de Apoio ao Índio

**COAPIMA** – Coordenação de Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão

**CCBB** – Centro Cultural Banco do Brasil

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**ISA** – Instituto Socioambiental

**REJUIND** - Rede de Juventude Indígena

**UFBA** – Universidade Federal da Bahia

**UFF** – Universidade Federal Fluminense

**UNB** – Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1</b>	<b>Método: Netnografia.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2</b>	<b>Delimitação do Corpus e período de análise .....</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>A INSERÇÃO INDÍGENA NAS REDES DIGITAIS .....</b>	<b>20</b>
<b>3.1</b>	<b>Histórico da inserção indígena nas redes digitais .....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>AS PRÁTICAS ETNOMIDIÁTICAS ALIADA ÀS CAUSAS INDÍGENAS.....</b>	<b>27</b>
<b>4.1</b>	<b>Criação das etnomídias indígenas .....</b>	<b>28</b>
<b>4.2</b>	<b>Exemplos de práticas etnomidiáticas .....</b>	<b>32</b>
<b>4.3</b>	<b>Etnomídia ou etnojornalismo? .....</b>	<b>35</b>
<b>5</b>	<b>CONSTRUÇÃO DAS CONTRA-NARRATIVAS DA RÁDIO YANDÊ.....</b>	<b>37</b>
<b>5.1</b>	<b>História da Rádio Yandê.....</b>	<b>37</b>
5.1.1	Colaboradores da Rádio Yandê .....	39
5.1.2	Website da Rádio Yandê .....	43
5.1.3	Mídias Sociais da Rádio Yandê: Facebook, Instagram e Twitter.....	45
<b>5.2</b>	<b>Abril Indígena: as contra-narrativas produzidas pelos etnocomunicadores .....</b>	<b>47</b>
<b>5.2.1</b>	<b>Identidade Indígena.....</b>	<b>53</b>
<b>6</b>	<b>CONSTRUÇÃO DAS CONTRA-NARRATIVAS DA MÍDIA ÍNDIA .....</b>	<b>60</b>
<b>6.1</b>	<b>História da Mídia Índia.....</b>	<b>60</b>
6.1.1	Mídias Sociais: Facebook, Instagram, e Twitter da Mídia Índia.....	63
<b>6.2</b>	<b>As contra-narrativas indígenas no Instagram da Mídia Índia.....</b>	<b>67</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>71</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>73</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com a popularização da internet e surgimento de novas mídias digitais a partir do século XX, percebe-se que muitos grupos excluídos socialmente tiveram a oportunidade de construir seus próprios discursos. Castells (2010) aponta que a internet está revolucionando a comunicação devido a capacidade de fazer com que a grande mídia entre em curto circuito. Sendo assim, vários grupos étnicos, passaram a utilizar desse acesso à rede mundial de computadores para se autorrepresentar – a exemplo disso, temos as populações indígenas, que cada vez mais vêm se inserindo em diferentes meios digitais com o intuito de criar contra-narrativas sobre si “[...] entendidas aqui como uma forma de insurgência a essa cascata de imagens negativas coladas aos povos indígenas nesses quinhentos e vinte anos de colonização” (DEMARCHI, 2020, p. 66).

É evidente que as etnias indígenas representam uma parte significativa da população brasileira, estima-se que durante a colonização portuguesa habitavam em torno de 5 milhões de indígenas. “Hoje, essa população está reduzida a pouco mais de 700.000 índios em todo Brasil, segundo dados de 2001 do IBGE” (LUCIANO, 2006, p. 27), apesar dessa representatividade, é comum observar a disseminação de estereótipos acerca de suas culturas, culminando assim numa imagem carregada do olhar etnocêntrico (BATISTA; SILVA; SIMAS, 2015); (DEMARCHI; MORAIS, 2015). Além disso, as informações acerca dos povos indígenas possuem pouca visibilidade nos meios de comunicação de massa, e, quando ocorrem, são notícias sem profundidade.

Charaudeau (2007) acredita que pelo fato das notícias não se tratarem do “espelho do real”, é comum que os jornalistas se utilizem de subjetividades para a construção das matérias, tratando muitas vezes determinados “personagens” como “heróis” ou “vilões”, e, no caso dos indígenas, como “coadjuvantes” de suas próprias narrativas.

Nesse sentido “[...] o discurso midiático – que deveria ser o terreno da crítica à ordem vigente para romper com o consenso que não seja resultado de debate público – se transformou em um reforço da ideologia dominante e, assim, da permanência da exclusão de minorias” (MELO, 2008, p. 2). É importante ressaltar que mesmo diante da relevância que a atividade jornalística ocupa na divulgação de conteúdo, ela não é a única responsável pela propagação de estereótipos e desconhecimento das culturas indígenas. Grupioni (1995, p. 482), acrescenta que:

Apesar da produção e acumulação considerável de conhecimento sobre os povos indígenas brasileiros, esse conhecimento ainda não logrou ultrapassar os muros da academia e o círculo restrito dos especialistas. Nas escolas a questão das sociedades indígenas, frequentemente ignorada nos programas curriculares, tem sido sistematicamente mal trabalhada. Dentro de sala de aula, os professores revelam-se mal informados sobre o assunto e os livros didáticos, com poucas exceções, são deficientes no tratamento da diversidade étnica e cultural existente no Brasil [...].

Nesse cenário de falta de conhecimento e de silenciamento os povos indígenas começaram a construir e produzir as etnomídias, voltadas para atender as suas demandas específicas e dar visibilidade às suas causas. A jornalista Renata Tupinambá (2018, texto online) acredita que as etnomídias constroem discursos contra-hegemônicos, visto que as populações indígenas expressam suas identidades étnicas e fogem da perspectiva ocidental.

É importante destacar que as etnomídias podem ser usadas por qualquer grupo étnico, sejam indígenas, quilombolas, caiçaras, romanis, chineses, italianos entre outros desde que esses grupos tenham interesse em criar suas próprias contra-narrativas. Para fins de desenvolvimento desse estudo, o termo “etnomídia” será voltado especificamente para as populações indígenas, dessa forma, será citado como “etnomídia indígena” e /ou “práticas etnomidiáticas”.

Diante de tais perspectivas, a pesquisa que aqui se segue tem como intuito compreender como as etnomídias contribuem para a representatividade das populações indígenas nas redes digitais. Para isso, será utilizado como objeto de estudo a Rádio Yandê e Mídia Índia – a escolha desses dois grupos foi por conta da visibilidade que ambas possuem nas mídias digitais. A Rádio Yandê, criada no ano de 2013, foi a primeira web rádio indígena do Brasil e representa um dos principais meios de comunicação voltados aos povos indígenas. Por sua vez, a Mídia Índia se trata de um coletivo formado por indígenas que contribuem para romper a comunicação hegemônica e não participativa, sendo assim, dos maiores objetivos da Mídia Índia é a garantia de uma comunicação voltada especificamente aos indígenas. Ressalta-se que a realização das análises empregou o método da netnografia. De modo geral, “[...] como o próprio termo sugere, a netnografia é uma adaptação da pesquisa etnográfica que leva em conta as características dos ambientes digitais e da comunicação mediada por computador” (CORRÊA; ROZADOS, 2017, p. 2,).

A temática do estudo se justifica no atual cenário moderno, no qual a tecnologia faz parte do cotidiano de bilhões de pessoas no mundo inteiro. Sendo assim, a sociedade busca ser informada não somente pelos meios de comunicação tradicional, como também por intermédio das mídias independentes, desse modo, torna-se relevante a pesquisa acerca das etnomídias indígenas, uma vez que historicamente se trata de populações que tiveram suas narrativas sendo



contadas pelos seus colonizadores. Diante disso, as etnomídias indígenas possibilitam a construção de contra-narrativas em relação aquilo que é divulgado na imprensa e amplamente difundido pela sociedade. Demarchi (2019) aponta que as contra-narrativas indígenas são uma resposta às narrativas hegemônicas, visto que tem o propósito de construir novos significados diante daqueles discursos que se prevalecem na sociedade.

No que tange a estrutura da pesquisa, está dividido da seguinte forma: o primeiro capítulo tem como finalidade contextualizar o processo histórico de inserção dos indígenas nas redes digitais. No segundo capítulo é realizada a discussão do conceito de etnomídia indígena, bem como é evidenciado exemplos dessa prática. No terceiro capítulo é realizada uma apresentação da Rádio Yandê, seguida pelas análises das contra-narrativas realizadas no Facebook do grupo. No quarto capítulo é evidenciado a Mídia Índia, assim como as análises das contra-narrativas presente no Instagram da rede. O estudo trouxe como resultado que as etnomídias indígenas contribuem na propagação de contra-narrativas ao que é difundido pelo jornalismo tradicional.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa que aqui se segue apresenta uma abordagem qualitativa, mas devido à amplitude da temática, será realizado uma imersão apenas para atender os objetivos que envolvem o estudo. De acordo com Flick (2009) a pesquisa qualitativa utiliza o texto como material empírico e parte da ideia de construção social das realidades em estudo, pois possui interesse nos participantes e em seus conhecimentos relativos ao objeto a ser estudado. Desse modo, o pesquisador busca entender e/ou interpretar os fenômenos daquilo que está analisando com a ajuda dos participantes, seja por meio de entrevistas, dados, observação participante e etc.

Paulilo (1999) acrescenta ainda que a pesquisa qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações e tudo o que envolve as especificidades do sujeito, e assim há um entendimento com alto grau de complexidade interna dos participantes.

Diante disso, optou por se em realizar a pesquisa qualitativa de modo a compreender como a Rádio Yandê e Mídia Índia utilizam da prática etnomidiática para construir contra-narrativas nas redes digitais. Além disso, será utilizado o método da netnografia para entender como esses grupos se apropriam da internet como meio de autorrepresentação.

### 2.1 Método: Netnografia

Para a realização das análises dos dados empregou-se o método da netnografia que, “[...] como o próprio termo sugere, é uma adaptação da pesquisa etnográfica que leva em conta as características dos ambientes digitais e da comunicação mediada por computador” (CORRÊA; ROZADOS, 2017, p. 2).

Nesse sentido, a netnografia é um método baseado na observação participante que tem como intuito compreender os fenômenos culturais e as singularidades que permeiam a interação humana nesse ambiente virtual. Campanella e Barros (2016) enfatizam que esse tipo de método possibilita ao etnógrafo novas possibilidades de investigação acerca da cultura que permeia o ser humano.

A internet, na atualidade, é um fenômeno incorporado, corporificado e cotidiano. Isso apresenta desafios metodológicos significativos para um etnógrafo que deseja descobrir o significado de determinado aspecto da internet para um grupo específico de pessoas. Podemos começar com um foco particular ou uma questão intrigante em mente, mas a imprevisibilidade e caráter escorregadio dessa internet incorporada, corporificada e cotidiana torna muito difícil resolver onde ir para encontrar as

respostas e como trazer questões interessantes à luz (CAMPANELLA; BARROS, 2016, p. 17).

Observa-se que a netnografia não se apresenta como um tipo de proposta metodológica inovadora, mas uma forma de apropriação do método etnográfico tradicional seguindo as características que se apresentam no ambiente digital. Ferraz e Alves (2017) elucidam que os procedimentos comumente adotados para quem vai utilizar esse tipo de método são: a coleta de dados, observação participante e entrevistas virtuais, contudo vai depender muito do que o pesquisador se propõe a investigar.

Desse modo, a netnografia é empregada no presente estudo como uma ferramenta metodológica para compreender como os indígenas utilizam da Rádio Yandê e Mídia Índia para construir contra-narrativas ao que é publicado nas mídias tradicionais.

## **2.2 Delimitação do Corpus e período de análise**

No que se refere à delimitação do corpus foi analisado o Facebook da Rádio Yandê, especificamente as transmissões ao vivo realizadas durante o evento Abril Indígena, realizado no ano de 2020. É importante destacar que durante o mês de abril as etnias indígenas de todo o país organizam manifestações em distintos estados brasileiros para discutir acerca das demarcações de terras, sustentabilidade, valorização de suas culturas, dentre outros temas. Contudo, devido à pandemia ocasionada pelo novo coronavírus, os comunicadores indígenas tiveram que deixar as ruas para ocupar as redes digitais e debater as questões indígenas emergentes no ambiente virtual. A cada dia do mês de abril, os convidados discutiram suas perspectivas de diferentes temáticas e compartilharam com o público. Ressalta-se que os temas selecionados para compor as análises foram: mídias indígenas e identidade.

Por sua vez, o corpus de estudo da Mídia Índia são as publicações realizadas no Instagram do grupo no mês de abril dos anos de 2020 e 2021. A escolha da rede social se deu por ser a mais utilizada entre os comunicadores indígenas, por sua vez, o período analisado considera a representatividade, uma vez que abril é considerado como o mês de resistência indígena. Portanto, serão analisadas as duas redes sociais dos grupos etnomidiáticos com o intuito de verificar como são construídas as contra-narrativas desses povos nas redes digitais.

### **3. A INSERÇÃO INDÍGENA NAS REDES DIGITAIS**

Por muitos anos se perpetuou na sociedade brasileira apenas as narrativas dos grupos dominantes, o que por sua vez, favoreceu a propagação de crenças e valores que muitas vezes não eram condizentes com a realidade de muitas populações. Contudo, os grupos menos favorecidos vieram se organizando com o propósito de se contrapor aos discursos transmitidos nos meios de comunicação de massa, e assim, estabelecendo contra-narrativas.

Diante disso, a partir do momento em que são inseridas narrativas contrárias aquelas dos grupos que detém o poder, é possível a construção de novos imaginários em oposição ao senso comum, de modo geral “[...] o contra-imaginário é o que surge como consequência dos efeitos das contra-narrativas: novas histórias se narram sobre essas realidades; portanto, novos imaginários surgem sobre esses contextos, constituídos em novas visões do mundo” (LORIA, 2017, p. 93). Ou seja, ao invés de prevalecer os mesmos estereótipos já perpetuados pelos grupos dominantes da sociedade brasileira, surgem novas concepções e imaginários. O advento das mídias digitais impulsionou que novos imaginários fossem expostos publicamente por diferentes povos indígenas.

Partindo dessa perspectiva, o capítulo que aqui se segue traz alguns apontamentos da inserção indígena nas redes digitais. É evidente que não tem como saber com precisão quando isso ocorreu, porém, alguns movimentos indígenas ganharam notoriedade a partir do momento que saíram das aldeias e das ruas e foram para a internet.

#### **3.1 Histórico da inserção indígena nas redes digitais**

É inegável que o contato com a cultura ocidental desde a colonização trouxe mudanças significativas na rotina dos povos indígenas de todo território brasileiro, principalmente com a evolução tecnológica no século XX. Assim sendo, cada vez mais esses grupos passaram a fazer uso de TVs, celulares, computadores, etc. nas comunidades, conforme elucida Costa:

Guardadas as devidas proporções, assim como nas outras regiões do mundo, do Brasil e da Amazônia, as tecnologias invadiram o dia a dia das pessoas, seja pela mera cópia de um CD pirata, seja pelos aparelhos sofisticados que passaram a fazer parte da vida pessoal e profissional dos indivíduos na contemporaneidade. Da mesma maneira, os índios foram atraídos pelos encantos desses aparatos tecnológicos, levados pela proximidade de suas aldeias, assim como sua inserção no convívio com as cidades urbanas. Esse contato com as mídias foi incorporado à cultura indígena. Hoje é comum encontrar nas comunidades indígenas aparelhos de TV, filmadoras, DVDs, rádios, telefones celulares, câmeras e computadores (COSTA, 2010, p. 4 -5).

Ressalta-se que o uso das tecnologias nas comunidades indígenas tornou-se essenciais para defesa de suas causas, visto que ainda há muitos imaginários construídos de forma estereotipada sobre as populações indígenas.

Longe de ser mero hobby, o uso da internet nas comunidades passou a ser um objeto de luta, uma ferramenta para competir com os meios de comunicação, para unir povos de vários lugares do Brasil e do mundo. As redes sociais, blogs e portais passaram a ser um movimento social em prol das comunidades indígenas (SANTOS, 2001, p. 5).

Para Neves (2004), esses grupos sociais têm em suas mãos a ferramenta que lhes dá a chance de lutar contra os poderes constituídos, oferecendo-lhes sua resistência que deixa de ser solitária ao se unir a milhares de outras vozes que têm o mesmo propósito. Tal mudança só foi possível com a inclusão digital, pois permitiu que o indivíduo se “emancipasse” dos poderes hegemônicos e construísse seus próprios discursos.

Não existe uma data específica de quando os indígenas passaram a fazer uso das redes digitais, mas alguns estudiosos da área apontam que o ano de 2012 teve uma participação mais massiva dos movimentos indígenas na internet, isso ocorreu por conta de uma sentença da justiça que favorecia os fazendeiros da região de Dourados, cidade situada no estado de Mato Grosso do Sul, que determinava a saída de 170 indígenas da etnia Guarani-Kaiowá que estavam situados no acampamento Pyelito Kue/Mbarakay, na Fazenda Cambará, em Iguatemi, Mato Grosso do Sul.

Desse modo, houve uma movimentação contra a liminar, principalmente depois da divulgação da carta de que os indígenas estariam dispostos a se suicidar coletivamente em protesto. Como se pode observar no trecho da carta:

Moramos na margem do Rio Hovy há mais de um ano e estamos sem nenhuma assistência, isolados, cercados de pistoleiros e resistimos até hoje. Passamos tudo isso para recuperar o nosso território antigo [...]. E decidimos integralmente a não sairmos daqui com vida e nem mortos<sup>1</sup>.

Tendo em vista a repercussão, tanto indígenas quanto não-indígenas iniciaram uma onda de protestos em várias capitais brasileiras. Em Brasília, dezenas de indígenas cobriram o gramado da Esplanada dos Ministérios com cruzeiros, simbolizando a violência ocorrida na região de Dourados e pedindo a demarcação definitiva das terras da região. Por sua vez, no estado do

---

<sup>1</sup> Trecho retirado do site: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-10-25/mpf-recorre-na-justica-contrar-retirada-de-indios-de-fazenda-em-mato-grosso-do-sul> . Acesso em: 20 nov. 2021.

Rio de Janeiro, o protesto ocorreu em frente ao Museu do Índio. A Avenida Paulista, no centro de São Paulo, também foi ocupada por apoiadores da causa.

Diante da repercussão, setenta lideranças indígenas do Mato Grosso do Sul foram à Brasília para entregar às autoridades mais de 20 mil assinaturas do abaixo-assinado “Eu apoio a causa indígena”. Além disso, os protestos tomaram conta das redes sociais, principalmente no Facebook, visto que milhares de usuários passaram acrescentar "Guarani-Kaiowá" ao primeiro nome em seus respectivos perfis para mostrar apoio aos indígenas da região Dourados, como se pode notar na figura abaixo:

**Figura 1** - Perfis em apoio aos Guarani- Kaiowá



Fonte: Internet (2020)

Já no Twitter, as hashtags #SouGuaraniKaiowa e #SomosTodosGuaraniKaiowa tiveram ampla repercussão entre os apoiadores da causa. A dissertação intitulada “Protagonismo Guarani-Kaiowá no Ciberespaço: Em Busca Da Auto-Representação” da autora Erica Neves publicado no ano de 2015, trouxe alguns apontamentos sobre os efeitos da presença indígena na internet, e como essas ferramentas auxiliam na defesa das causas indígenas:

O protagonismo Guarani-Kaiowá no ciberespaço se constitui como uma busca pela auto-representação. Isto pode ser atestado pelas dezenas de posts assinados coletivamente que têm a clara preocupação de emitir um ponto de vista próprio acerca deste grupo. Os Guaranis-Kaiowás descobriram na rede uma possibilidade de diálogo com outros indígenas e com brasileiros não indígenas que só se vale do ciberespaço como local de mediação. A partir desta descoberta eles têm apostado em um uso massivo do ciberespaço como plataforma de sua agenda de lutas, espaço de denúncia e desabafo. Não obstante, além do desejo de auto-representação o que se atesta é uma busca estratégica pela visibilidade. E aqui, não me refiro à visibilidade midiática, mas à visibilidade pública que não mais é controlada apenas pela mídia tradicional (NEVES, 2015, p. 93).

Com o passar do tempo, os indígenas cada vez mais vieram se inserindo nas redes digitais para lutar pela defesa de seus direitos. Para se ter uma noção dessa participação, de acordo com um levantamento realizado no ano de 2020 pelo Programa Povos Indígenas no Brasil, pertencente ao Instituto Socioambiental (ISA), existem o total 31 websites produzidos por organizações indígenas em todo o território brasileiro, com a finalidade de apresentar informações acerca de suas etnias. No quadro abaixo podemos observar quais organizações indígenas são responsáveis pelos sites, bem como a URL para o acompanhamento das páginas.

**Quadro 1 - Sites de organizações indígenas no Brasil**

<b>Site/Estado</b>	<b>URL</b>	<b>Povo</b>
Organização dos Povos Indígenas Xavante (OPIX) - Aldeia Sangradouro – MT	<a href="http://aldeiasangradouro.blogspot.com.br/">http://aldeiasangradouro.blogspot.com.br/</a>	Xavante
Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (Apoinme) – NE/MG/ES	<a href="http://apoinme.org.br">http://apoinme.org.br</a>	-
Articulação dos Povos Indígenas da Região Sul (Arpinsul)	<a href="http://www.arpinsul.org.br">http://www.arpinsul.org.br</a>	Kaingang, Xokleng, Guarani e Xetá da Região Sul
Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib)	<a href="http://apib.info/">http://apib.info/</a>	-
Associação Artístico Cultural Nhandeva (RJ)	<a href="http://www.nhandeva.org">http://www.nhandeva.org</a>	Nandeva
Associação Ashaninka do Rio Amônia (APIWTXA, AC)	<a href="http://www.apiwtxa.blogspot.com">http://www.apiwtxa.blogspot.com</a>	Ashaninka
Associação das Comunidades dos Índios Tapebas (CE)	<a href="http://tapeba.com.br/wordpress">http://tapeba.com.br/wordpress</a>	Tapeba

Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque (Apio, AP)	<a href="http://www.povosindigenasdooiapoque.com.br">http://www.povosindigenasdooiapoque.com.br</a>	Galibi do Oiapoque, Palikur, Karipuna do Amapá e Galibi-Marworno
Associação Floresta Protegida (Kayapó, PA)	<a href="http://www.florestaprotegida.org.br">http://www.florestaprotegida.org.br</a>	Kayapó
Associação Guarani Nhe'ê Porã (SP)	<a href="http://www.culturaguarani.org.br">http://www.culturaguarani.org.br</a>	Guarani
Associação Indígena Kuikuro do Alto Xingu (Aikax, MT)	<a href="http://associacaoindigenakuikuro.blogspot.com">http://associacaoindigenakuikuro.blogspot.com</a>	Kuikuro
Associação Indígena Moygu Comunidade Ikpeng (AIMCI)	<a href="http://www.ikpeng.org">http://www.ikpeng.org</a>	Ikpeng
Associação Metareilá do Povo Indígena Suruí (RO)	<a href="http://www.surui.org">http://www.surui.org</a>	Surui Paiter
Associação Xavante Warã (MT)	<a href="http://wara.nativeweb.org">http://wara.nativeweb.org</a>	Xavante
Associação União das Aldeias Apinajé –PEMPXÀ (TO)	<a href="http://uniaodasaldeiasapinaje.blogspot.com.br">http://uniaodasaldeiasapinaje.blogspot.com.br</a>	Apinayé
Aty Guasu (Grande Assembléia) Guarani Kaiowá (MS)	<a href="http://atyguasublogspot.com.br/">http://atyguasublogspot.com.br/</a> <a href="http://www.facebook.com/aty.guasublogspot">http://www.facebook.com/aty.guasublogspot</a>	Guarani Kaiowá, Guarani Ñandeva
Centro Indígena de Estudos e Pesquisa (CINEP, DF)	<a href="http://www.cinep.org.br">http://www.cinep.org.br</a>	-
Conselho das Aldeias Wajãpi (Apina, AP)	<a href="http://www.apina.org.br/">http://www.apina.org.br/</a>	Wajãpi
Conselho do Povo Cinta Larga (CPCL, RO)	<a href="http://www.povocintalarga.blogspot.com">http://www.povocintalarga.blogspot.com</a>	Cinta Larga
Conselho Indígena de Roraima (CIR, RR)	<a href="http://www.cir.org.br/">http://www.cir.org.br/</a>	Makuxi, Wapixana, Taurepang
Conselho Indígena do Vale do Javari (Civaja, AM)	<a href="http://www.feis.unesp.br/grupos-associacoes/civaja/index.html">http://www.feis.unesp.br/grupos-associacoes/civaja/index.html</a>	Marubo, Matis, Matsés, Kulina Pano e Kanamari



Conselho Indígena Tapajós e Arapiuns (Cita, PA)	<a href="http://citastm.blogspot.com">http://citastm.blogspot.com</a>	Tupaiú, Apiaká, Arapium, Arara Vermelha, Borari, Cara-Preta, Cumaruara, Munduruku, Maytapú, Jaraqui, Tapajó, Tupinambá e Tapuia
Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab, AM)	<a href="http://www.coiab.com.br">http://www.coiab.com.br</a>	-
Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn, AM)	<a href="http://www.foirn.org.br/">http://www.foirn.org.br/</a>	Etnias do Rio Uaupés, Etnias do Rio Içana, Etnias Maku, Etnias do Rio Xié
Hutukara Associação Yanomami (HAY, RR)	<a href="http://www.hutukara.org">http://www.hutukara.org</a>	Yanomami
Instituto Indígena Maiwu de Estudos e Pesquisas de Mato Grosso (Maiwu) – MT	<a href="http://institutomaiwu.blogspot.com">http://institutomaiwu.blogspot.com</a>	Apiaká, Arara do Rio Branco, Bororo, Chiquitano, Cinta Larga, Guató, Ikpeng, Karajá, Kayabi, Rikbaktsa, Tapayuna, Tapirapé, Umutina, Xavante, Zoró
Instituto Indígena para Propriedade Intelectual (Inbrapi)	<a href="http://www.inbrapi.org.br">http://www.inbrapi.org.br</a>	-
Instituto Kabu (Kayapó, PA)	<a href="http://www.kabu.org.br">http://www.kabu.org.br</a>	Kayapó Mëkrãgnõtire
Instituto Raoni (MT)	<a href="http://www.institutoraoni.org">http://www.institutoraoni.org</a>	-
Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngues (OGPTB, AM)	<a href="http://www.ogptb.org.br">http://www.ogptb.org.br</a>	Ticuna
Portal dos Filhos do Waraná (AM)	<a href="http://www.nusoken.com">http://www.nusoken.com</a>	Sateré-Mawé
<b>Total = 31 websites</b>		

Fonte: Instituto Socioambiental (2020)<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Dados disponíveis no site: [https://pib.socioambiental.org/pt/Web\\_ind%C3%ADgena](https://pib.socioambiental.org/pt/Web_ind%C3%ADgena). Acesso em: 20 abr. 2020

Além disso, há outros 38 sites indígenas, não necessariamente ligados a organizações, mas de pequenos grupos ou iniciativas individuais atuando na internet com a mesma finalidade. Nesse contexto, é comum observar a união desses povos, mesmo possuindo etnias tão distintas entre si, em prol das suas causas socioambientais e culturais nas redes digitais, ou seja, “[...] esses atores têm em suas mãos a ferramenta que lhes dá a chance de lutar contra os poderes constituídos, oferecendo-lhes sua resistência que deixa de ser solitária ao se unir aos milhares de vozes que ecoam diariamente no ciberespaço” (NEVES, 2015, p. 54). Esse cenário começou a ser delineado por meio da inclusão digital. Assim, esta inclusão é necessária para que o indivíduo seja consumidor e produtor de seus conteúdos e processos, de modo a estabelecer uma relação com os sujeitos pertencentes a esse mesmo espaço virtual.

É evidente que esta inclusão digital nas comunidades indígenas é uma realidade longe de ser a ideal, mas que gradualmente vem se expandido em diferentes localidades com a finalidade de incluí-los no ambiente virtual.

Pereira (2008) reforça que a presença dos indígenas na internet possui instabilidade, justamente por conta da limitação do acesso a rede em comunidades longínquas, mas que mesmo assim há um comprometimento entre esses grupos em utilizarem dessa comunicação como mecanismo de propagação de seus discursos.

#### 4. AS PRÁTICAS ETNOMIDIÁTICAS ALIADA ÀS CAUSAS INDÍGENAS

As narrativas construídas acerca das populações indígenas que habitavam o território brasileiro tiveram início no século XVI com as primeiras cartas e imagens das expedições marinhas. De acordo com Neves (2009), a nudez e a antropofagia tiveram destaque, visto que era necessário descrevê-los como um indígena selvagem e sem racionalidades afim de justificar todas e quaisquer ações de genocídio que desrespeitavam os direitos humanos. A figura abaixo, trata-se de uma xilogravura que circulou na Europa sobre as populações que aqui habitavam:

**Figura 2-** Xilogravura do Novo Mundo



Fonte: Internet (2020)

Conforme evidenciado na figura acima, o imaginário que foi propagado para o restante do mundo foi de que os povos indígenas praticavam a antropofagia sem motivo algum, assim sendo, eram seres selvagens e sem cultura, conforme a autora descreve a imagem:

Esta xilogravura, apesar de ser uma invenção e de suas incoerências, serviu de inspiração para muitas outras imagens que foram produzidas sobre a antropofagia. É quase inacreditável que ainda hoje este tipo de imagem seja uma espécie de guardião da memória “oficial” sobre as culturas indígenas. É exatamente a este aspecto da tradição inventada [...] chama atenção: a repetição como dispositivo de manutenção. Então, em nossa memória visual, tanto a “Imagem do Novo Mundo” como todas as outras produzidas a partir dela estiveram e estão tão repetidas vezes simbolizando o cotidiano das sociedades indígenas, que é muito difícil pensar nos Tupinambá ou em seus contemporâneos sem visualizar estas telas (NEVES, 2009, p. 77).

Desse modo, o imagético acerca dos indígenas foi construído através da perspectiva dos colonizadores, contudo, “[...] não há qualquer referência ao fato de que eles comem aqueles inimigos que consideravam virtuosos, para que pudessem incorporar estas virtudes” (NEVES;

CORREA; TOCANTINS, 2013, p. 6). O que prevaleceu durante séculos era somente uma única versão estereotipada sobre os povos indígenas, que se perpetuou até o momento que os próprios nativos tomaram a palavra para si.

Houve sempre uma batalha discursiva que se inscreveu na produção das identidades indígenas, e ao mesmo tempo em que se introduzia um discurso racista, também desde o início, a resistência a esta hierarquia de racionalidades esteve presente, quer fosse agenciada pelos próprios europeus, como foi o caso do Bartolomeu de Las Casas, no início do século XVI, quer fosse administrada pelos povos indígenas, se insurgindo com suas formas de vida a despeito das imposições coloniais. Portanto, esta fronteira, a midiática, com todas as suas transformações, sempre mediou os processos de contato, a princípio agenciados pelos europeus, depois pelo Estado brasileiro e hoje, também envolvendo os próprios indígenas, presentes nas redes sociais (NEVES; CORREA; TOCANTINS, 2013, p. 6).

Diante disso, as populações indígenas vieram durante muitos anos se desvencilhando daquele imaginário deixado pelos colonizadores e construindo a sua própria imagem – deixando assim, em evidência suas identidades étnicas.

#### **4.1 Criação das etnomídias indígenas**

A evolução tecnológica incentivou as populações indígenas de distintas localidades do Brasil a se apropriarem dos meios de comunicação alternativos com o propósito de fortalecer suas causas.

O grande marco da “descolonização” da mídia no Brasil foi o surgimento do “Programa de Índio” – transmitido pela Rádio USP e apresentado por Ailton Krenak, Álvaro Tukano dentre outras lideranças. A produção radiofônica semanal foi criada no ano de 1985 e informava sobre o cotidiano e expectativa de vida dos indígenas, além de músicas, rituais, celebrações e etc.

No artigo intitulado “Programa de Índio: criando uma ponte sonora entre as culturas”, da jornalista Ângela Pappiane, elucida sobre como foi criado o programa radiofônico:

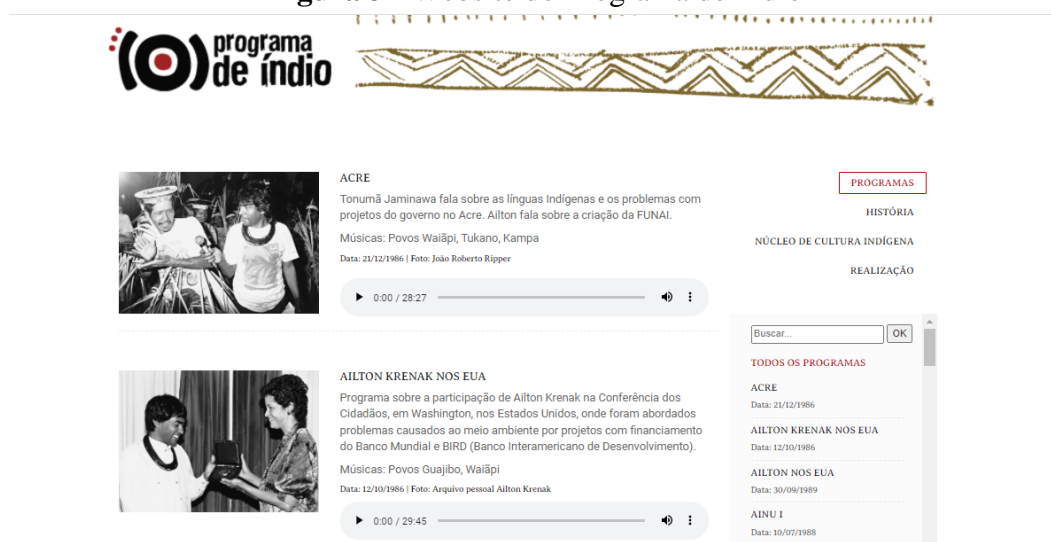
Três homens, de etnias diferentes, com cara, jeito, língua-materna, corte de cabelo, pensamento diferentes, entram no pequeno estúdio e, frente aos microfones, falam... Do outro lado do vidro, num gravador de rolo, suas palavras são capturadas e magnetizadas. Seu pensamento, assim transformado, retido e dispersado depois nas ondas sonoras, desafia o tempo e as distâncias... Magia do homem branco! Os três homens que se lançaram a essa aventura sabiam muito bem o que estavam fazendo. E onde queriam chegar: estabelecer contato direto com milhares de pessoas que estariam, distantes no tempo e no espaço, ouvindo suas “belas palavras” através dos receptores de rádio. Em junho de 1985 foi ao ar, pelos 93,7 MHz da rádio USP de São Paulo a primeira edição do Programa de Índio, apresentado por Álvaro Tukano, Ailton Krenak e Biraci Yawanawá. A primeira experiência do povo indígena do Brasil em

rádio. Uma iniciativa do Núcleo de Cultura Indígena, braço oficial da União das Nações Indígenas. Três jovens lideranças do movimento indígena, com domínio da língua portuguesa, se apropriavam de um veículo criado pelos “brancos” para pacificar esses companheiros de trajetória do planeta Terra. Como diziam: “um Programa de Índio para amansar branco” (PAPPIANE, 2012, p. 107-118).

O Programa de Índio foi ao ar entre 1985 e 1991, no total foram mais de 200 programas produzidos nesse período que contava com diferentes temáticas. As participações do programa envolviam as principais lideranças indígenas da época que traziam depoimentos e entrevistas, que em sua grande maioria eram realizadas nas comunidades, ou em eventos. Além disso, o programa teve a participação de estudiosos, políticos e diferentes personalidades que debatiam acerca das temáticas indígenas.

Mais de 20 anos depois o projeto “Programa de Índio, história e histórias” foi aprovado pela Petrobras Cultural no ano de 2007 e teve como intuito a recuperação de fitas cassete, e digitalização de áudios para ser disponibilizados no website que já conta com mais de 180 programas. “Jovens de várias etnias acessam o site de dentro das aldeias ou de lan houses nas cidades próximas às aldeias e se comunicam através de depoimentos, revelando sua surpresa ao ouvir avós, tios, parentes próximos ou distantes, ao conhecer novas culturas e a arte de outros povos” (PAPPIANE, 2012, p. 107-118). Na figura abaixo, podemos observar a interface do website Programa de Índio:

Figura 3 - Website do Programa de Índio



Fonte: Internet (2021)

No menu “história” é descrito como surgiu o Programa do Índio e traz algumas reflexões sobre as contribuições que a produção radiofônica deixou tanto para os povos indígenas.

Ouvindo hoje os programas, fica evidente que, apesar da distância que nos separa do momento de sua criação. Eles são absolutamente atuais, levantando questões importantes da relação entre os povos indígenas, o governo e a sociedade brasileira e contribuindo para a aproximação entre os povos. Nestes 30 anos, algumas conquistas importantes foram alcançadas, mas ainda há muitos obstáculos, problemas e conflitos que se agravaram com o passar do tempo. A ignorância sobre a cultura e o conhecimento tradicional dos povos indígenas ainda os colocam à margem de nossa sociedade, sem espaço, sem respeito e sem direitos básicos assegurados. Nosso desejo é de que este trabalho possa contribuir para uma melhor compreensão sobre as pessoas indígenas e seja um jeito de estar no mundo que reverencia “os lugares onde a terra descansa” (PROGRAMA DO INDIO, 2021, texto online)<sup>3</sup>.

Gradativamente as populações indígenas vieram se unindo com o intuito de visibilizar suas causas sociais nas mídias alternativas. E, após o advento da internet possibilitou a construção do seu próprio lugar de fala<sup>4</sup> dentro das redes digitais, e, assim possibilitando a criação das etnomídias.

[...] Etnomídia é resultado da convergência de mídia e apropriação de diferentes grupos étnicos de tais mídias. Possibilita pensar e realizar a comunicação de diferentes formas, saindo do formato jornalístico tradicional. O etnojornalismo traz para os conteúdos produzidos visões de mundo dos comunicadores, suas etnias e culturas, contribuindo para a **descolonização** dos meios de comunicação (TUPINAMBÁ, 2016, texto online, grifo nosso)<sup>5</sup>.

De acordo com Renata Machado (2018), o termo etnomídia surgiu no ano de 1997 com o incentivo do grupo de pesquisa “Etnomídia – Pesquisa em mídia e etnicidades”, pertencente a Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), para discutir os impactos das mídias sobre os povos indígenas. Contudo, ganhou impulso quando o comunicador Anápuàka Muniz Tupinambá criou no ano de 2007, a Web Rádio Brasil Indígena.

Antes da rádio Yandê nascer [...] eu tinha desenvolvido um projeto já pensando em etnomídia indígena, que deu 150% de errado mesmo, que foi a web rádio Brasil Indígena [...] então a proposta era pensar a comunicação para os povos indígenas, e não adiantava desenvolver uma comunicação se ela não tivesse um conceito, se ela não tivesse uma linguagem, não tivesse um objetivo [eu sempre falo para as pessoas que não é a tecnologia... a tecnologia é meio, é ferramenta, mas se você tiver um conceito, um objetivo para esse conceito, e que ela faça ser entendida, absorvida, utilizável por todos, faz muito mais sentido] (BANIWA, 2020, texto online).

<sup>3</sup> Disponível em: <http://ikore.com.br/programa-de-indio/>. Acesso em 23 nov. 2021.

<sup>4</sup> No livro “O que é lugar de fala?” da filósofa Djamila Ribeiro publicado em 2017, é apresentado algumas reflexões sobre a importância dos discursos de grupos marginalizados, uma vez que historicamente foi lhes “tirado” o direito de fala.

<sup>5</sup> Entrevista concedida ao site Nonada Jornalismo Travessia.

Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2016/05/iniciativas-indigenas-buscam-autonomia-no-jornalismo/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Aqui pode-se compreender as etnomídias como uma ferramenta na produção de contra-narrativas. Conforme Demarchi (2019) aponta, as contra-narrativas indígenas são uma resposta às narrativas hegemônicas, visto que tem o propósito de construir novos significados diante daqueles discursos coloniais que prevalecem na sociedade.

Assim, os indígenas se apropriam das diferentes alternativas nos meios de comunicação para manifestação de seus pensamentos e saberes, que antes pertenciam aos poderes hegemônicos. Ou seja, as “[...] contra-narrativas são as formas como essas resistências são elaboradas esteticamente, discursivamente, imagetivamente propondo o reconhecimento de mundos, saberes, estéticas silenciadas, ignoradas, enfim oprimidas pelas narrativas dominantes” (DEMARCHI, 2019, p. 2).

Apesar de ser “[...] desconhecido de setores da sociedade ocidental, é de importância fundamental para os povos ameríndios, considerando a necessidade de refutação às notícias distorcidas e improcedentes da mídia corporativa” (SAMPAIO, 2010, p. 19).

Ressalta-se que após a iniciativa do Programa do Índio, houve um interesse maior das populações indígenas em se envolver em projetos que tinham como objetivo a defesa de suas causas, como por exemplo o Portal Índios Online que foi criado no ano de 2004 e se estabeleceu como uma rede de diálogo intercultural.

A iniciativa foi desenvolvida pela ONG Thydewa, de Salvador (BA), com o apoio do Ministério da Cultura, da Associação Nacional de Apoio ao Índio (Anai). O portal teve a gestão compartilhada entre quatro povos indígenas totalizando cinco gestores: Alex Makuxi de Roraima, Patrícia Pankararu de Pernambuco, Nhenety Kariri-Xocó de Alagoas e Fábio Titiah e Yonana Pataxo hã hã hã da Bahia.

No que tange ao objetivo do portal é [...] facilitar o acesso à informação e comunicação para diferentes povos indígenas, estimular o diálogo intercultural. Promover-nos a pesquisar e estudar nossas culturas. Resgatar, preservar, atualizar, valorizar e projetar nossas culturas indígenas (ÍNDIOS ONLINE, 2020, texto online)<sup>6</sup>.

De acordo com o site, existem uma rede de gestão compartilhada entre quatro povos indígenas, sendo no total cinco administradores da página: Alex Makuxi do estado de Roraima, Patrícia Pankararu de Pernambuco, Nhenety Kariri-Xocó de Alagoas e Fábio Titiah e Yonana Pataxo hã hã hã da Bahia. Os conteúdos disponíveis eram variados, dentre notícias, reportagens, artigos etc. – que abordam sobre particularidades sobre suas etnias, divulgação da cultura e reivindicações contra o governo. Logo abaixo podemos observar o *layout* da página:

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.indiosonline.net/>>. Acesso em: 09 jan. 2020

**Figura 4 - Layout do portal Índios Online**



Fonte: Internet (2020)

A última publicação do portal ocorreu no ano de 2020, apesar da atual pouca movimentação é inegável a colaboração que o Índios Online representou para o fomento das etnomídias indígenas nas redes digitais. Possibilitando que novas narrativas fossem construídas acerca das populações indígenas.

#### 4.2 Exemplos de práticas etnomidiáticas

Inicialmente os povos indígenas utilizavam as redes digitais com a ajuda de não-indígenas, contudo com a facilidade ao acesso à internet, se teve mais autonomia na construção de contra-narrativas nos meios digitais. Alguns exemplos de práticas etnomidiáticas nas redes sociais são: Coletivo Timbira, página Indígena Memes, e variados perfis de influencers indígenas.

O Coletivo Timbira busca discutir a pauta LGBTQIA+ entre os indígenas, uma vez que sofrem uma dupla exclusão: étnica e sexual, tanto em suas comunidades quanto fora delas. O coletivo é composto por indígenas de diversas etnias, como a Tuxá, Boe Bororo, Guajajara e Terena. O nome remete a Tibira, indígena Tupinambá assassinado em 1614 que é tido como a primeira vítima de homofobia no Brasil. No instagram, a página já possui mais de 30 mil seguidores.



**Figura 5 - Publicação do Coletivo Timbira no Instagram**



Fonte: Instagram (2021)

Outro exemplo de etnomídia indígena é a página Indígena Memes. O criador do conteúdo é o estudante de medicina da Universidade de Brasília (UNB), Elison Edilson Santos da Silva, das etnias Pipipã e Pankará. De modo geral, a página busca abordar, de forma bem-humorada, temáticas como a demarcação das terras indígenas, estereótipos, preconceitos contra os indígenas entre outros. “Sempre disseram que eu era bem-humorado e eu não via esse tipo de conteúdo voltado para os nossos povos, nossas questões. A página nasceu principalmente para fazer nossos parentes rirem”<sup>7</sup>, ressalta Elison em entrevista. No meme logo abaixo publicado pela página é descrito um dos estereótipos bem comuns voltados aos indígenas.

**Figura 6 - Publicação do “indígena memes” no instagram**



Fonte: Instagram (2020)

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/influenciadores-indigenas-usam-redes-para-mudar-visoes-preconceituosas>. Acesso em setembro de 2020.

Por sua vez, Maira Gomez se destaca entre as influencers indígenas, a jovem pertence a comunidade Tatuyo, situada no estado do Amazonas, e produz conteúdo para suas redes sociais. Com mais de 2 milhões de seguidores no TikTok, a indígena utiliza o espaço para mostrar e explicar sua cultura por meio de vídeos e imagens.

Desse modo, a influencer mostra que é possível a incorporação da tecnologia na rotina indígena – isso fica em evidencia quando ela utiliza as *hashtags* #GeraçãoTikTok e a #TikTokIndígena ou mostra o dia a dia em sua comunidade. Na figura logo abaixo temos a publicação no instagram de Maira Gomez mostrando o dia a dia na sua comunidade.

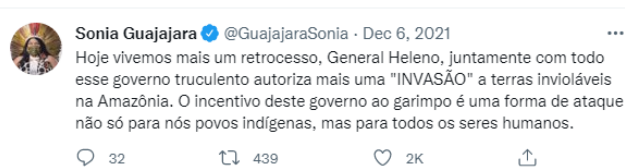
**Figura 7** - Publicação do perfil de Maira no instagram



Fonte: Instagram (2021)

Outro exemplo de práticas etnomidiáticas são as páginas do perfil pessoal da ativista indígena Sonia Guajajara, a ativista possui um número elevado de seguidores, tanto indígenas quanto não-indígenas. Na figura abaixo temos um Twitter comentando acerca das ações do governo.

**Figura 8** - Twitter da ativista Sônia Guajajara



Fonte: Twitter (2021)

Além dos já citados, há diversos perfis de indígenas nas redes sociais que buscam se autorrepresentar e mostrar suas culturas para o público.

### 4.3 Etnomídia ou etnojournalismo?

Durante muitos anos, as populações indígenas fizeram uso do termo “etnojournalismo” para definir a produção de conteúdos informativos acerca de seus povos, visto que tinha semelhanças com os textos dos não-indígenas.

Para compreender o termo “etnojournalismo” se faz necessário inicialmente definir o conceito “etno”. Ferreira (2003) enfatiza que “etno” diz respeito a uma cultura, língua, ritos e etc., ou seja, tudo aquilo que é próprio de um determinado povo. Nesse sentido, o termo etnojournalismo abrange, especificamente, o jornalismo produzido pelos povos indígenas, uma vez que se trata de grupos com suas próprias particularidades, juntamente com a prática jornalística. A partir desse contexto é que surge o etnojournalismo no qual tem como propósito “[...] caracterizar a produção e veiculação de notícias e informações pelos povos originários, fenômeno que se expandiu com a popularização da Internet e dos dispositivos móveis” (KASEKER, 2018, p. 2).

Alguns anos depois das primeiras iniciativas de produção independente dos indígenas, os comunicadores perceberam que apenas o termo etnojournalismo não parecia suficiente para descrever a propagação de conteúdos realizados pelos indígenas. Assim passaram a utilizar o termo “etnomídia” ou “etnocomunicação” para enfatizar a estratégia de reconhecimento, ao resgate cultural e divulgação de suas culturas das populações indígenas que é totalmente livre de alguns formatos já preestabelecidos pela prática jornalística. Renata Tupinambá lembra que o comunicador Anápuàka Tupinambá alertava em 2007 sobre o que viria a se tornar as etnomídias.

A minha primeira forma de comunicação foi o Maracá e como eu adentrei a comunicação indígena, quando eu ainda era adolescente eu comecei na rede Índios Online que é uma rede do nordeste que tinha vários parentes que participavam. A gente trabalhava com etnojournalismo, eu fui voluntário na Índios Online, fui voluntária em meados de 2008, mas eu comecei mesmo a trabalhar em 2006 com outros projetos, mas a comunicação em si foi em 2008 mesmo por meio desse etnojournalismo, só que os anos foram se passando e tinha outras gerações como Anápuàka e eles sempre já naquela época já lá em 2006 e 2007 eles já alertavam para uma etnomídia. Ele falava assim “olha, vocês estão trabalhando com etnojournalismo, mas eu estou vendo a etnomídia, eu estou vendo essa convergência de mídia” [...] ele falava “oh, tem uma etnomídia aí” (TUPINAMBÁ, 2020, texto online).

Cada vez mais os indígenas vieram se apropriando das mídias e deixando a visão de que os textos, imagens, vídeos deveriam ser iguais ao que é divulgado nos meios de comunicação de massa e, passando a adotar seu próprio estilo de produção e narrativa, uma vez que a linguagem que grande parte das etnomídias adotam possui suas particularidades se comparada a mídia tradicional. Em uma entrevista realizada no ano de 2017 pela Revista Usina, Denilson Baniwa destaca que o termo “etnomídia” surgiu a partir das mídias indígenas estrangeiras, mas que posteriormente vieram a utilizar aqui no Brasil com suas próprias especificidades.

Etnomídia é um conceito que a gente viu muito nas mídias indígenas do Canadá e dos Estados Unidos. Como eles estão em uma discussão de comunicação muito mais avançada que a gente no Brasil, e na América Latina de forma geral. Os indígenas foram para universidade mais cedo, tiveram mais acesso à tecnologia, às informações. Mais cedo que a gente, anos à frente. E o que a gente está fazendo hoje no Brasil, que é criar algo paralelo a mídia de massa, é o que já fazem lá. E lá eles definiram isso como etnomídia. Como uma mídia que não é mastigada para a massa, mas sim para o entendimento de um grupo, de um grupo que sofre as mesmas coisas, que veem as mesmas coisas, e que anseiam pelas mesmas coisas (BANIWA, 2017, texto online).

Portanto, o importante não é a classificação daquilo que é ou não uma etnomídia, mas acompanhar como as populações indígenas de diferentes estados brasileiros, vem se unido com o mesmo propósito: de construir seus próprios discursos nas redes digitais.

A resistência simbólica expressa no respeito ao tempo da cultura indígena, da sociabilidade e da ritualidade, denota a potência política da etnomídia indígena. Além disso, a representação da confluência de saberes ancestrais e cosmovisões indígenas conduz a veiculação destes canais de comunicação, e demonstram ser uma importante ferramenta de decolonização e revalorização do local, divulgando toda esta sabedoria e ancestralidade que a história dos dominantes nos tem roubado (BASTOS; NASCIMENTO, 2020, p.7).

## 5 CONSTRUÇÃO DAS CONTRA-NARRATIVAS DA RÁDIO YANDÊ

As etnomídias indígenas têm como propósito abordar principalmente temáticas relacionadas ao “[...] resgate de identidades, reivindicação de direitos e políticas públicas, os problemas com os territórios, a preservação da natureza, conteúdos invisibilizados pela mídia massiva oligopólica” [...] (CARNEIRO, 2019, p. 97). Nesse sentido, as etnomídias constroem contra-narrativas daquilo que é publicado nos meios de comunicação de massa, visto que as temáticas compartilhadas com o público, possuem perspectivas a partir do olhar dos povos indígenas, com uma proposta descolonizadora.

Partindo desse pressuposto, o capítulo que aqui se segue tem como intuito compreender como a Rádio Yandê constrói contra-narrativas por meio da etnomídia. Para isso, serão analisadas duas *lives* que ocorreram durante o evento Abril Indígena do ano de 2020, sendo elas: “Mídias Indígenas e indígenas nas mídias” e “Identidades Indígenas, o racismo e o preconceito que enfrentamos”. Ressalta-se que antes de evidenciar as análises é feito uma apresentação sobre a Rádio Yandê e seus principais colaboradores.

### 5.1 História da Rádio Yandê

A web rádio foi criada em 11 de novembro de 2013 pelos comunicadores Anápuàka Muniz (Anápuàka Muniz Tupinambá Hã-hã-hãe), Renata Aracy Machado (Renata Tupinambá) e Denilson Monteiro (Denilson Baniwa). É importante ressaltar que a Yandê ganhou destaque devido ser a primeira web rádio feita exclusivamente por indígenas e com conteúdos relacionados a seus povos e suas culturas.

A dissertação intitulada “Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais: a etnomídia cidadã da Rádio Yandê” da autora Raquel Carneiro, publicada no ano de 2019, traz alguns apontamentos da história de criação da rádio:

Denilson Baniwa lembra que trabalhava em uma agência de publicidade perto da praça, quando saiu mais cedo do trabalho para encontrar Anápuàka e Renata para escolherem o nome da web rádio. Além disso, precisariam de uma marca que provocasse certo impacto. Foram algumas horas de troca de ideias até a sugestão de Denilson de uma palavra em Nheengatu, uma das línguas oficiais do Alto Rio Negro, no Amazonas: *Iané*, que significa ‘nosso’. Logo, Anápuàka e Renata sugeriram que transpusessem a expressão para o Tupi antigo, permanecendo Yandê. Naquele mesmo dia, não apenas decidiram o nome, como Renata redigiu os textos, Anápuàka construiu o site e Denilson criou a marca da web rádio, lembrando de ter visto algo no símbolo do sinal wi-fi, porque seria ‘legal misturar a ideia do tradicional agora em modo digital’ (CARNEIRO, 2019, p.155).

A Yandê está presente em diversas mídias digitais e um dos motivos dessa ascensão ocorre por conta dos conteúdos diferenciados em cada rede digital. Ressalta-se que a popularidade da Rádio Yandê não ficou restrita apenas ao Brasil, conforme descreve a autora.

Somente no mês de janeiro de 2019, foram mais de 6 mil visitas no portal da web rádio, sendo que após o Brasil, o maior número de visitantes vem dos Estados Unidos, Ucrânia, Rússia, França, Bulgária Portugal, Alemanha, Coreia do Sul e China, respectivamente. Os países da América Latina não aparecem no ranking. Muitos chegam no site à procura de imagens (50%), disponíveis nos posts do blog que está em português e na coluna “World”, na qual há textos em espanhol e inglês. Cerca de 53% encontra o portal da Rádio Yandê pelo serviço de busca do Google e por meio do Facebook, como página externa, sendo as palavras “yandê” e “brasil” as mais buscadas. Há uma média de cinco mil ouvintes por dia, chegando a 10 mil quando há novas publicações nas redes sociais e no portal (CARNEIRO, 2019. p. 159).

Além disso, a web rádio se intitula como um meio de comunicação independente, sendo assim não recebe recursos financeiros de nenhuma organização pública. De acordo com Bastos e Nascimento (2020), a Yandê busca contribuições de apoiadores e patrocinadores que se identificam com os ideais da rádio, além da realização de eventos para atrair um público maior. “É com esses recursos que a rádio permanece no ar 24h por dia e veicula conteúdos que vão desde pautas específicas que envolvem os Povos Indígenas, até relatos e análises que englobam toda a população nacional [...] (BASTOS; NASCIMENTO, 2020, p. 65).

A rádio Condô realizou uma entrevista no dia 25 de novembro de 2020 com Anápuaka Tupinambá, um dos fundadores da Yandê, na qual ele contou os diferenciais da rádio em relação aos outros meios de comunicação tradicional.

E um dos primórdios da Yandê, sempre foi mostrar o melhor das culturas indígenas para o próprio indígenas e os não-indígenas. [...]. Os canais de televisão, os jornais impressos, os jornais digitais, as mídias em si, são muito bem bancadas para falar coisas ruins, mas o quanto as pessoas conhecem das culturas dos povos originários do país? As melhores coisas que nós temos são as coisas boas, não são as coisas ruins, não é o nosso extermínio, não é o genocídio, não é isso que é o melhor dos povos indígenas. Tem gente que vai insistir, porque tem que realmente ser contado, mas a gente não quer. Eu pelo menos não penso em Yandê contando notícias ruins constantemente, eventualmente a gente tem que dizer, a gente não vai ter hipocrisia midiática [...] (TUPINAMBÁ, 2020, texto online).

Nesse sentido, a Rádio Yandê se tornou um importante meio de comunicação para os indígenas de todo território brasileiro. Todavia, esse movimento de “emancipação” discursiva não foi o primeiro, visto que os diversos povos indígenas buscam há algum tempo construir suas próprias narrativas acerca de si, conforme discutido no capítulo anterior.

Ao entrar “no ar”, a Rádio Yandê começa o processo de comunicação indígena que já havia iniciado seu fortalecimento na década de 1970, com Ailton Krenak e o Programa de Índio e tantas outras iniciativas [...]. As pautas já existiam, mas não eram abordadas pela própria comunicação indígena, que restringe-se a determinadas etnias e suas comunidades e muito menos noticiadas pelos meios oligopólicos de massa. Infelizmente, ainda são discussões que necessitam ser debatidas e informadas, oriundas das décadas de 1950 à 1980, como o pensamento “tutelar” que ainda permanece em diversos âmbitos da sociedade brasileira e nas mais diversas relações, desde a universidade ao mercado de trabalho. No entanto, há uma evolução nesse cenário midiático, através do processo etnocomunicacional indígena, de não fazer uma cópia da mídia dos outros, mas de descobrir qual é sua própria mídia (CARNEIRO, 2019, p. 156).

Diante desse cenário, a Rádio Yandê se tornou uma importante difusora das contranarrativas indígenas, visto que as notícias e produção de conteúdo de modo geral desmistificam “[...] o ser indígena e conduzam seus povos para a construção de conteúdos próprios. Sua maneira de produzir se desenvolve a partir da formação de sua própria identidade, de sua cultura e ancestralidade” (BASTOS; NASCIMENTO, 2020, p. 65).

### 5.1.1 Colaboradores da Rádio Yandê

Anápuàka Muniz Tupinambá, Denilson Baniwa e Renata Tupinambá são os fundadores da Rádio Yandê. Por sua vez, Daiara Tukano é atualmente a coordenadora da rádio, desse modo, será enfatizado a trajetória de vida da indígena

Anápuàka Muniz pertence ao povo Tupinambá, localizado no Sul da Bahia, é filho de mãe negra e pai indígena. Anápuàka nasceu em território urbano, contudo passou a infância em território indígena e testemunhou a violência contra seus familiares – teve o irmão decapitado e o sobrinho foi dilacerado por criminosos.

Ainda quando criança, Anápuàka se questionava sobre a ausência de mídias pertencentes aos indígenas, visto que as narrativas ficavam restritas somente àqueles que detinham os poderes hegemônicos, conforme destaca na entrevista:

[...] porque a minha pergunta quando eu tinha 6 anos de idade, quando eu conheci o Programa de Índio é **porque que nós indígenas não tínhamos nossa própria mídia?** E isso me cobrou uma vida inteira dos 6 anos até meus 40 anos de idade [foi quando eu criei a Rádio Yandê], eu tenho 47 anos a Rádio Yandê tem 7 anos [...]. Só que mesmo eu me perguntando “porquê” eu olhava para o movimento indígena e a pauta do direito a comunicação indígena nunca foi ponto alto, nunca houve interesse pelo movimento de alguma forma (TUPINAMBÁ, 2020, texto online, grifo nosso).

No ano de 2011, Anápuàka Tupinambá ganhou o Prêmio Mozilla Firefox: Libertadores da Web, por conta de sua trajetória ciberativista. Dois anos depois, fundou a Rádio Yandê.

Anápuàka é comunicador, empresário, Tecno-Xamanista, Artista Indígena Orgânico e Virtual, CEO, Produtor Executivo, especialista em HiperMuseus, Business RedSkin Money e RePangeia Indígena<sup>8</sup>. Anápuàka Tupinambá é um dos grandes representantes de defesa dos direitos e divulgação da cultura indígena do país.

**Figura 9** - Anápuàka Tupinambá, fundador da Rádio Yandê



Fonte: Internet (2020)

Outro indígena importante para a criação da Rádio Yandê foi Denilson Baniwa. Denilson pertence ao povo Baniwa. Os Baniwa vivem na tríplice fronteira do Brasil, Colômbia e Venezuela.

Denilson iniciou ainda na juventude, sua trajetória de resistência e luta pelos direitos dos diversos povos indígenas do país. Baniwa é um artista antropófago, uma vez que se apropria da linguagem ocidental para descolonizá-la em seus trabalhos. As temáticas comumente abordadas em suas obras são as relações entre os indígenas e a tecnologia, além dos efeitos nocivos do agronegócio para esses povos.

No ano de 2017, Denilson Baniwa participou da “Dja Guata Porã Rio de Janeiro indígena”, uma exposição que contou a história do estado do Rio de Janeiro sob a perspectiva indígena. O evento foi idealizado com a colaboração de indígenas da região. Já no ano de 2018, Denilson realizou a mostra “Terra Brasilis: o agro não é pop!”, situado na Galeria de Arte da Universidade Federal Fluminense (UFF). No mesmo ano, Baniwa participou da residência artística da IV Edição do Festival Corpus Urbis, realizada no Oiapoque, no estado do Amapá. Por sua vez, no ano de 2019 participou da exposição “Vaivém”, no Centro Cultural Banco do

---

<sup>8</sup> Dados biográficos retirados do website: <https://condo.org.br/encontro-programado-04>. Acesso em: 10 mar. 2021.



Brasil (CCBB) em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte. Já no ano de 2020, Denilson teve obras expostas na Bienal de Sydney "NIRIN", na Austrália.

**Figura 10** - Denilson Baniwa e sua obra de arte “Curumin”



Fonte: Internet (2020)

Nas figuras acima, temos Denilson e ao lado a obra “Curumin”, guardador de memórias. Acerca dessa arte, Baniwa faz uma descrição de quais foram suas inspirações:

Releitura de uma famosa capa da Revista Times, em que aparece o Steve Jobs com um novo modelo do MAC: ‘a capa é icônica por ser um marco do avanço tecnológico e, inclusive, cultural: ele está segurando o computador e ao mesmo tempo em que ostenta outros itens de sua cultura indígena’. Ele consegue ter acesso à tecnologia, ter conhecimento do que é tecnologia e não deixar de ser índio por isso, pois se os índios de hoje não têm acesso à tecnologia e conhecimento irão morrer. Hoje o único jeito de defender suas terras e seus direitos constitucionais, bem como guardar seus conhecimentos, sua memória e, não menos importante, se comunicar entre os povos e a sociedade envolvente, é dominar as tecnologias existentes (BANIWA, 2020, texto online).<sup>9</sup>

No ano de 2014, venceu Prêmio Festival Festas de Lisboa, na categoria ilustração, e em 2019 ganhou o Prêmio Pipa de Arte Contemporânea, na categoria online. No que tange sua participação na Rádio Yandê, Denilson Baniwa não é mais um dos coordenadores, contudo, por muitos anos contribuiu com seus trabalhos para que a rádio fosse reconhecida internacionalmente.

Já Renata Tupinambá é jornalista, produtora, poeta, curadora, roteirista, artista visual e faz a consultoria artística e de assuntos relacionados a direitos autorais do projeto. Renata ou Aratykyra (seu nome indígena), que é da etnia Tupinambá, pesquisa e atua na comunicação voltada para descolonização dos meios de comunicação, no fortalecimento das narrativas

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.premiopia.com/denilson-baniwa/> Acesso em: 15 mar. 2019.

indígenas no cinema, na TV, na literatura, no áudio e na música. É membro do Útero Amotara Zabelê no Território Tupinambá de Olivença, na Bahia, e, desde 2006, trabalha com difusão das culturas indígenas e comunicação.

Por sua vez, Daiara Tukano, atual coordenadora da Rádio Yandê, também foi uma das fundadoras da rádio. Daiara pertence a etnia Tukano, povo indígena do estado do Amazonas, situado na região do Alto Rio Negro. Daiara nasceu em São Paulo, numa família de lideranças indígenas com forte atuação no processo de redemocratização do país. Daiara é artista, ativista, educadora e comunicadora. Formou-se em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UNB) e fez mestrado em Direitos Humanos, com especialização em Memória e Verdade dos Povos Indígenas.

Ressalta-se que Daiara Tukano é a autora do maior mural feito por uma artista indígena no mundo, situado no centro de Belo Horizonte, Minas Gerais. A arte tem o comprimento de 1000m2 no edifício Levy, na Avenida Amazonas. A obra faz parte da 5ª edição do Circuito de Arte Urbana – Cura, que foi realizado nos dias 22 de setembro e 4 de outubro de 2020 na capital mineira, conforme se pode observar na figura abaixo:

**Figura 11** - Artista Daiara Tukano, coordenadora da Rádio Yandê



Fonte: Internet (2020)

Em uma entrevista realizada pelo portal UOL no dia 07 de outubro de 2020, Daiara conta qual o significado da pintura:

Esse desenho traz uma homenagem à resistência dos nossos parentes. Ele representa essa grande mãe, é uma mãe carregando o filho no colo, e essa mãe é a mãe natureza, a mãe selva, a mãe floresta, a mãe das matas, que carrega o seu filho, um rio menino, que só nasce onde tem mata, porque é ela que permite que a terra possa respirar, que a água possa circular, que o planeta possa estar vivo. Então é uma maneira de representar a soberania, porque a natureza é soberana, e trazer um sentimento de pertencimento, porque acredito que essa mãe natureza nos segura no colo, nos dá água

para beber, ar para respirar, o melhor alimento. Essa nossa casa, a nossa mãe, é a única mãe que a gente tem (TUKANO, 2021, texto online).

Daíara Tukano, se utiliza tanto do movimento artístico, como da comunicação para reafirmar seus direitos indígenas – tornando-se assim, uma importante representante dos movimentos indígenas do país.

### 5.1.2 Website da Rádio Yandê

De modo geral, o *layout* da Rádio Yandê é dinâmico e de fácil acesso aos usuários. A página inicial do website possui um banner animado com informações referente ao veículo, bem como os próximos eventos promovidos pela Yandê. Por sua vez, a coluna esquerda da página inicial é composta pelas chamadas<sup>10</sup> de textos e artigos que foram produzidos pela equipe da rádio. Já na coluna direita possui os *links* que se direcionam respectivamente para as redes sociais do grupo (Facebook, Twitter, YouTube, Instagram e Soundcloud). Além disso, o website disponibiliza o Top 5 das músicas mais pedidas da rádio, bem como os últimos tweets publicados pela equipe da Yandê. Na figura abaixo podemos observar o *layout* do website da Rádio Yandê.

**Figura 12-** Página inicial do website da Rádio Yandê



Fonte: Yandê (2020)

<sup>10</sup> Na atividade jornalística, a “chamada” se refere ao texto curto que está na primeira página do jornal contendo o resumo das informações que estarão disponíveis nas páginas seguintes, ou seja, serve para atrair o leitor a continuar a leitura

No menu “a rádio” contém informações que elucidam sobre os objetivos da Yandê e porque ela se enquadra como uma etnomídia indígena, conforme se pode observar no trecho abaixo que está disponível na página:

A Rádio Yandê é educativa e cultural. Temos como objetivo a difusão da cultura indígena através da ótica tradicional, mas agregando a velocidade e o alcance da tecnologia e da internet. Nossa necessidade de incentivar novos "correspondentes indígenas" no Brasil faz com que possamos construir uma comunicação colaborativa muito mais forte, isso comparada as mídias tradicionais de Rádio e TV. Estamos certos de que uma convergência de mídias é possível, mesmo nas mais remotas aldeias e comunidades indígenas, e que isso é uma importante forma de valorização e manutenção cultural. Nossa grade de programação possui programas informativos e educativos que trazem para o público um pouco da realidade indígena do Brasil. Desfazendo antigos estereótipos e preconceitos ocasionados pela falta de informação especializada em veículos de comunicação não indígenas [...] (YANDE, 2021, texto online)<sup>11</sup>.

No menu seguinte, intitulado “programação” traz quais programas fazem parte da grade da Rádio Yandê, dentre eles se destacam:

- Yandê Connection – programa de entrevistas com indígenas do mundo todo.
- Papo na rede – programa de variedades que apresenta os protagonistas indígenas com o intuito de relatar sobre como são suas vidas e curiosidades que surgem no cotidiano.
- Comunica Parente – transmitia aos ouvintes áudios enviados para a redação com denúncias, músicas, mensagens, poesias, histórias ou depoimentos.
- Boletim Wayuri – realizado pela Rede de Comunicadores Indígenas do Rio Negro com a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro no qual divulgam os últimos acontecimentos relacionados as questões indígenas.

É importante destacar que os programas radiofônicos não são mais transmitidos no site da Yandê, tendo em vista que a rádio vem utilizando das *lives* na rede social Facebook para o compartilhamento de informativos referentes as pautas indígenas, e posteriormente essas gravações são disponibilizadas no website.

---

<sup>11</sup> Informações retiradas do site <https://radioyande.com/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

**Figura 13 - Página do menu "Blog"**



Fonte: Internet (2020)

O menu “world” destaca as notícias referentes as questões indígenas no mundo inteiro, em sua grande maioria as informações são redirecionadas para outros sites noticiosos. Por conseguinte, o menu “colunistas” é apresentado textos opinativos acerca das questões indígenas atuais. Já no menu “contato” é possível que o público se comunique com a equipe da rádio Yandê, além de estar disponível os telefones para contato, como também a localização de onde fica a sede da rádio. Já na página do menu “anuncie” é possível que qualquer marca entre em contato com a equipe da Rádio Yandê para ser divulgada no site, tendo em vista as regras estabelecidas pelo grupo.

### 5.1.3 Mídias Sociais da Rádio Yandê: Facebook, Instagram e Twitter

A *fanpage* da Rádio Yandê foi criada no dia 14 de novembro de 2013, logo após o surgimento do website, e possui mais de 50 mil seguidores. De modo geral, os recursos utilizados no Facebook são: vídeos, imagens, textos e *lives*. Os conteúdos compartilhados são em sua grande maioria acerca de questões indígenas mais recorrentes tais como conflitos agrários, cultura, identidade, política entre outros. Na figura abaixo podemos observar a *Fanpage* da Rádio Yandê:

**Figura 14** - Facebook da Rádio Yandê



Fonte: Internet (2020)

Por sua vez, o Instagram da Rádio Yandê conta com mais de 26 mil seguidores, e também é atualizado diariamente. Grande parte dos conteúdos disponíveis na página são de publicações da *fanpage* e website do grupo. Além disso, a Yandê se utiliza de recursos no Instagram para ganhar engajamento do público, como por exemplo, os destaques<sup>12</sup>. No total são seis destaques disponíveis, sendo eles: música, eventos, etnomídia, memória, arte e *clipping*.

No destaque “música” são disponíveis 27 stories já postados anteriormente pelo grupo, que tem como intuito valorizar os cantores e músicas indígenas. No destaque “evento” são divulgados os acontecimentos promovidos pela Rádio Yandê, bem como os eventos voltados para o público indígena, tais como o Yby Festival e o 2º Festival Indígena da Aldeia Braço Grande.

No destaque “etnomídia” são evidenciados exemplos de práticas etnomidiáticas realizadas pelos indígenas, como os *podcasts* de Ailton Krenak, bastidores de reportagens feitas pela equipe da Rádio Yandê, palestras de lideranças indígenas entre outros.

Por conseguinte, o destaque “memória” possui apenas dois stories dentre eles se sobressai a entrevista com a liderança indígena Mário Juruna feita pelo apresentador Jô Soares na década de 1990.

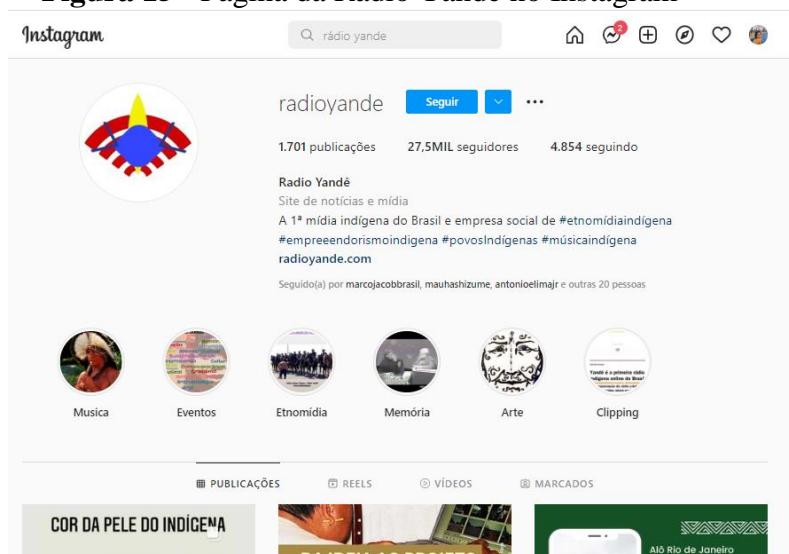
<sup>12</sup> Lançado no ano de 2018, os destaques no Instagram são um recurso que tem como intuito prolongar o tempo útil dos stories compartilhados, já que os mesmos permanecem por apenas 24 horas.



Já no destaque “arte” estão contidas pinturas de artistas indígenas, sejam em telas, camisas, além de divulgação de trabalhos de artistas no campo da música, literatura etc.

O *clipping* na área do jornalismo se refere aos recortes dos jornais que faz menção a um determinado tema ou pessoa. Sendo assim, o destaque “*clipping*” traz as matérias que mencionaram a Rádio Yandê, bem como os comunicadores que integram a equipe. Na figura abaixo podemos observar a estrutura do Instagram da Rádio Yandê.

**Figura 15 - Página da Rádio Yandê no Instagram**



Fonte: Internet (2020)

Por sua vez, o Twitter da Rádio Yandê contém mais de 5 mil seguidores e as publicações são em sua grande maioria de retuïtes<sup>13</sup> de outras páginas que tratam acerca de questões indígenas.

Além das redes sociais já mencionadas, a Rádio Yandê também está presente no SoundCloud e nos apps iRádios e Spotify.

## 5.2 Abril Indígena: as contra-narrativas produzidas pelos etnocomunicadores

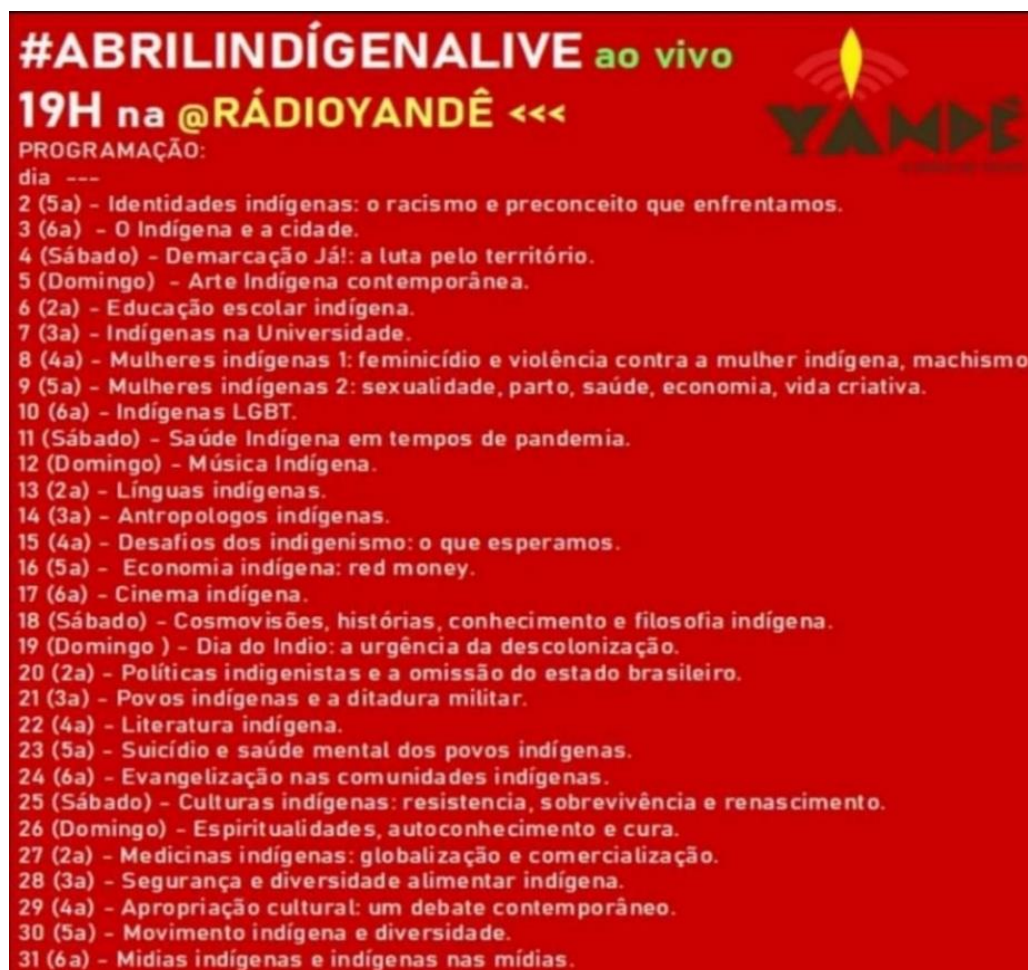
Entende-se que a Rádio Yandê se configura “[...] como um movimento comunicativo indígena que não pode ser incluído em nenhum outro formato de comunicação, tais como a comunicação alternativa, comunitária e popular” (NASCIMENTO, 2020, p.18), visto que os discursos produzidos possuem características que se distanciam do modelo de jornalismo

<sup>13</sup> O retuïtes se refere a reprodução da mensagem ou postagem de outro usuário.

ocidental. Podemos citar como exemplo Abril Indígena – mês dedicado a ações em comemoração à (res) existência dos diversos povos originários do Brasil. Por conta da pandemia, causada pelo novo coronavírus, no ano de 2020 a Rádio Yandê teve que deixar de ir às ruas e optou em realizar uma série de transmissões ao vivo com o intuito de debater as questões indígenas emergentes.

No total foram realizadas 31 transmissões ao vivo envolvendo diferentes temáticas e com participação de distintas personalidades indígenas. Na figura abaixo podemos observar os assuntos debatidos durante o Abril Indígena:

**Figura 16** - Divulgação do Abril Indígena



**#ABRILINDÍGENALIVE** ao vivo  
**19H na @RÁDIOYANDÊ <<<**

PROGRAMAÇÃO:

dia ---

2 (5a) - Identidades indígenas: o racismo e preconceito que enfrentamos.  
 3 (6a) - O Indígena e a cidade.  
 4 (Sábado) - Demarcação Já!: a luta pelo território.  
 5 (Domingo) - Arte Indígena contemporânea.  
 6 (2a) - Educação escolar indígena.  
 7 (3a) - Indígenas na Universidade.  
 8 (4a) - Mulheres indígenas 1: feminicídio e violência contra a mulher indígena, machismo.  
 9 (5a) - Mulheres indígenas 2: sexualidade, parto, saúde, economia, vida criativa.  
 10 (6a) - Indígenas LGBT.  
 11 (Sábado) - Saúde Indígena em tempos de pandemia.  
 12 (Domingo) - Música Indígena.  
 13 (2a) - Línguas indígenas.  
 14 (3a) - Antropólogos indígenas.  
 15 (4a) - Desafios dos indigenismo: o que esperamos.  
 16 (5a) - Economia indígena: red money.  
 17 (6a) - Cinema indígena.  
 18 (Sábado) - Cosmovisões, histórias, conhecimento e filosofia indígena.  
 19 (Domingo) - Dia do Índio: a urgência da descolonização.  
 20 (2a) - Políticas indigenistas e a omissão do estado brasileiro.  
 21 (3a) - Povos indígenas e a ditadura militar.  
 22 (4a) - Literatura indígena.  
 23 (5a) - Suicídio e saúde mental dos povos indígenas.  
 24 (6a) - Evangelização nas comunidades indígenas.  
 25 (Sábado) - Culturas indígenas: resistência, sobrevivência e renascimento.  
 26 (Domingo) - Espiritualidades, autoconhecimento e cura.  
 27 (2a) - Medicinas indígenas: globalização e comercialização.  
 28 (3a) - Segurança e diversidade alimentar indígena.  
 29 (4a) - Apropriação cultural: um debate contemporâneo.  
 30 (5a) - Movimento indígena e diversidade.  
 31 (6a) - Mídias indígenas e indígenas nas mídias.

Fonte: Yandê (2020)

Desse modo, as transmissões ao vivo tiveram como objetivo a discussão de temáticas que em sua grande maioria não tem a mesma visibilidade nos veículos de imprensa. Podemos citar como exemplo a *live* realizada no dia 29 de abril intitulada “Mídias Indígenas e indígenas nas mídias” que teve a mediação da ativista Renata Tupinambá, e contou com a participação de



Erisvan Bone Guajajara, Anápuaka Tupinambá, Mayra Wapichana e Cristian Wariu Xavante. Os convidados apontaram a relevância que as etnomídias indígenas representam para a construção de contra-narrativas. Anápuaka Tupinambá (2020, texto online) elucidou que a etnomídia é um conceito muito amplo, no qual não se restringe apenas a inserção de indígenas em determinada mídia:

O que seria essa etnomídia? Ela vai muito além dessa questão da convergência de mídia, porque quando a gente pensa em etnomídia, a gente quebra esse formato de comunicação, esse formato padrão da indústria, essa coisa de que comunicação é só jornalismo, é só notícia. A gente passa a entender que comunicação é tudo, é desde o sonho do nosso ancião, a nossa roda com Maracá, os velhos contando história a música, é a arte, é a cultura, é a nossa saúde, está tudo interligado na nossa cultura [...] (TUPINAMBÁ, 2020, texto online).

Nesse sentido, as etnomídias possuem características próprias, sem ficar “presa” ao formato já preestabelecido da prática jornalística, uma vez que os veículos de imprensa em determinadas situações apenas perpetuam estereótipos referente aos povos indígenas. Tal perspectiva pode ser observada no artigo “Análise da cobertura de sites jornalísticos da América do Sul, Europa e Ásia sobre os povos indígenas atingidos pela UHE Belo Monte” publicado em 2021 pelos autores Renata Paes, Priscila Sarmiento e Altem Pontes. De modo geral, o estudo faz uma investigação acerca da visibilidade e representatividade dos povos indígenas em sites jornalísticos de maior circulação no Brasil, além de outros 12 de países estrangeiros. Os resultados apontaram que os povos indígenas são descritos por grande parte dos jornais como “invasores” e “de menor capacidade”, como se pode observar na figura abaixo:

**Figura 17-** Matéria sobre a UHE Belo Monte



Fonte: Internet

Na publicação é possível notar a forma na qual os indígenas são representados. “A começar pelo título e a palavra ‘invasão’, utilizada para o ato de protesto. Tal termo passa a ideia de que os povos indígenas estão onde não deveriam estar” (PAES; SARMENTO; PONTES, 2021, p. 119). Ou seja, a notícia desmerece a luta dos indígenas que se fazem presente no local e ainda inverte os papéis de quem de fato é o invasor (GUIMARAES, 2018).

Partindo desse pressuposto, as etnomídias surgiram como uma possibilidade de o público ter mais de uma “versão” de determinados assuntos, evitando que somente os meios de comunicação de massa assumam o controle midiático, ou seja, os etnocomunicadores indígenas constroem contra-narrativas, visto que “[...] são, assim, uma resposta imediata às narrativas hegemônicas ou dominantes, uma vez que propõem a construção de novos significados” (DEMARCHI, 2020, p. 69-70). Nesse sentido, os temas que são discutidos pelos próprios indígenas possuem um tratamento diferenciado dos que são publicados pelos jornalistas não-indígenas. Cristian Wariu (2020, texto online) enfatiza a relevância em se ter etnocomunicadores indígenas narrando suas próprias histórias:

Nós como indígenas sabemos muito bem o que captar nas nossas aldeias, do respeito que a gente tem em determinadas ações, porque tem coisas que realmente não podem ser filmadas e aí a gente bate muito nisso, de que não tem nenhum preparo, nenhum conhecimento, e a gente tem profissionais muito capacitados, profissionais que estão se formando e já se formaram [...].

É comum que alguns rituais indígenas que, quando divulgados pela imprensa, sejam editados por conta do espaço nas emissoras, contudo, Anápuàka Tupinambá (2020, texto online) acredita que a edição é uma forma de violar a cultura dos povos indígenas, uma vez que os jornalistas não mostram de início ao fim o que acontece nos rituais, apenas o que julga ser “necessário”. Para os nativos, cada ação que ocorre nessas cerimônias são importantes e tem significado. “Então a comunicação ela tem que ter esse respeito, essa responsabilidade da forma social de cada povo, ela não pode ser simplesmente chegar e editar (TUPINAMBÁ, 2020, texto online).

No artigo “Vídeo-ritual: circuitos imagéticos e filmagens rituais entre os mebêngôkre (kayapó)” os pesquisadores André Demarchi e Diego Dias discutem a importância em filmar cada etapa que antecede os rituais:

Filmar todo processo quer dizer filmar toda a antecena ritual: as caçadas e pescarias na floresta em busca de alimento; a preparação dos adornos a serem usados nas festas; a produção da pintura corporal que os diferentes grupos etários masculinos e femininos utilizarão, os ensaios das canções e passos de dança que serão performados durante o ritual. Além, é claro, da própria cerimônia em si, que pode ter a duração de vários dias (DEMARCHI; DIAS, 2018, p. 40).

Percebe-se que existe uma distinção do que é produzido pelas mídias hegemônicas do que é produzido pelos comunicadores indígenas. Para a autora Letycia Nascimento (2020) essa diferença se torna bem evidente quando é publicado a notícia de assassinato, visto que nas

etnomídias indígenas não se tem a necessidade do imediatismo diferentemente do jornalismo tradicional.

Assim, ainda que veicular uma notícia seja a base do jornalismo, este ímpeto profissional não pode, jamais, subjugar o respeito a toda a formação cultural, espiritual, ancestral e, por que não, política em que seus saberes e fazeres se constituem. Para além da produção de matérias quentes, na elaboração de conteúdos *etnomidiáticos* é levada em consideração a necessidade de estabelecer rotinas de produção que muitas vezes levam quase um ano para serem concluídas, isto porque para estes comunicadores o que mais importa não é o volume de publicações feitas ou a quantidade de assuntos abordados, mas sim a profundidade e o respeito com que esses assuntos são debatidos (NASCIMENTO, 2020, p. 46-47).

Nesse sentido, o compromisso das etnomídias indígenas é informar e apresentar desdobramentos que fogem da obviedade, por isso, quando ocorre a divulgação de conteúdo, geralmente é utilizado de transmissões ao vivo no qual acompanha todo o processo envolvendo os rituais dentre outros acontecimentos nas aldeias. Portanto, o fato de se ter comunicadores indígenas presente nas mídias representa a possibilidade de autonomia dos povos indígenas, evitando a “seletividade” que o jornalismo tradicional faz com determinados assuntos, como no caso do assassinato do bebê da etnia Kaingangue. A tragédia ocorreu no dia 30 de dezembro de 2015. De acordo com depoimento da mãe, um rapaz se aproximou enquanto ela amamentava a criança na rodoviária de Imbituba, situada no estado de Santa Catarina. Quando levantou a cabeça para olhar e sorrir, o bebê teve o seu pescoço cortado pelo rapaz (CIMI, 2016). Mesmo diante da brutalidade do caso, a mídia nacional não fez a cobertura do caso.

Apesar da barbaridade do caso, ele só teve grande repercussão na mídia local, não despertando interesse da grande mídia nem a comoção da população nacional. Além do caso do bebê Kaingang degolado, onde tão cruel quanto crime foi o silêncio da mídia e a falta de comoção nacional, outros ocorrem cotidianamente (SILVEIRA, 2016, p.30).

Em contrapartida, a jornalista Eliane Brum, traz algumas reflexões sobre o caso no jornal espanhol El País:

Se fosse meu filho, ou de qualquer mulher branca de classe média, assassinado nessas circunstâncias, haveria manchetes, haveria especialistas analisando a violência, haveria choro e haveria solidariedade. E talvez houvesse até velas e flores no chão da estação rodoviária, como nas vítimas de terrorismo em Paris. Mas Vitor era um índio. Um bebê, mas indígena. Pequeno, mas indígena. Vítima, mas indígena. Assassinado, mas indígena. Perfurado, mas indígena. Esse “mas” é o assassino oculto. Esse “mas” é serial killer<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/01/o-silencio-da-midia-em-torno-do-assassinato-brutal-de-um-bebe-indigena.html>. Acesso em: 07 dez. 2021.

É possível notar como a seletividade está presente na grande imprensa, uma vez que há uma “escolha” do que merece ou não ter destaque nos jornais, e, quando isso ocorre, as etnomídias indígenas fazem o trabalho de apurar e divulgar para o público, como fez a Rádio Yandê.

No caso do bebê Vitor, aquele bebê Kaigang que foi degolado, a rádio Yandê que foi a primeira mídia indígena brasileira e do Sudeste para cima contar, porque era uma notícia que estava presa no Sul, as mídias do Sul não estavam permitindo sair, e a gente foi lá, deu a notícia, verificou essa notícia, amplificou as vozes, as dores. E tem que amplificar as dores nesse momento, e mostrar que existe crime contra os indígenas, como muitos outros (TUPINAMBÁ, 2020, texto online)

Outra problemática apontada durante a *live* foi acerca do que é divulgado pelos órgãos indigenistas, uma vez que nem sempre condizem com a realidade, daí a necessidade em se ter outras mídias para propagar as informações para o público. De acordo com Cristian Wariu (2020, texto online) as etnomídias se diferenciam porque as informações vêm diretamente das bases, o artista citou o exemplo da Mídia Índia, pois os colaboradores presenciam o fato para depois transmiti-los, sem precisar do “controle” dos patrocinadores e investidores que impõem o que deve ou não ser publicado, como reflete o comunicador:

[...] o fato da gente ser protagonista, ser autônomo, não ter vínculo nenhum com ninguém em todos os aspectos, nos coloca em outra condição, que é – entregar o melhor – não o que o nosso, contratante, mandante, parceiro, investidor quer [...] a mídia não-indígena que depende só do comercial vai sempre ir para o caminho do comercial, porque o que o teu patrocinador define é o que tu vai fazer [...] (TUPINAMBÁ, 2020, texto online).

Desse modo, cada vez mais os indígenas vêm se organizando para narrar o que acontece em seus territórios e com seus povos, é o caso por exemplo do jovem Cristian Wariu Tseremey'wa, nascido no território Parabubure, situado no estado de Mato Grosso. O canal no YouTube de Wariu conta com mais de 37 mil inscritos e mais de 190 mil visualizações – os conteúdos dos vídeos são acerca da representatividade indígena e o enfrentamento das mais diversas situações do cotidiano do indígena.

Devido ao fato do canal do YouTube ter ganhado repercussão, o comunicador é um dos modelos para os jovens que estão iniciando o movimento de luta por meio das mídias.

Consequentemente a gente ver que hoje a gente acaba inspirando outros jovens indígenas, a criarem seus canais no YouTube, a serem influenciadores em suas redes sociais [...] Quanto mais jovens, quanto mais pessoas se apropriam dessas mídias e compreenderem que elas podem ser sua própria mídia, não dependendo de nenhum grupo, mas fazendo a sua própria mídia isso é o que a gente busca, essa autonomia,

essa independência da gente estra produzindo material comunicativo com o nosso olhar com a nossa perspectiva [...] (TUPINAMBÁ, 2020, texto online).

Muitos dos comunicadores que estão presente nas etnomídias são de fato, formados na área da comunicação ou do jornalismo, para muitos estar presente nas redes sociais, rádio, site – é uma forma de dar um retorno para suas comunidades, e assim divulgar uma contra-narrativa do que é publicado todos os dias pelo jornalismo tradicional.

### 5.2.1 Identidade Indígena

Outro tema debatido durante o Abril Indígena foi acerca da identidade dos povos indígenas. A *live* ocorreu no dia 2 de abril e foi intitulada “Identidade Indígenas, o racismo e o preconceito que enfrentamos”, contou com a participação da socióloga Laís Zinha, da etnia Maxacali e o antropólogo Felipe Cruz, da etnia Tuxá, sendo mediado por Daiara Tukano.

A *live* foi a primeira a ser discutida no Abril Indígena por conta da necessidade em se compreender porque as “identidades” dos povos indígenas merecem ser reconhecidas e acima de tudo respeitadas pela população. Stuart Hall (2012) destaca que, para o entendimento do conceito de identidade, é preciso primeiramente examiná-la no circuito da cultura:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões quem somos nós ou de onde nós viemos, mas muito mais com as questões quem nós podemos nos tornar, como nós temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios (HALL, 2012, p. 108-109).

Assim, a identidade é um conceito utilizado para descrever algo que é diferente dos demais, ao mesmo tempo que é idêntico a si próprio, pois além de marcar a diferença, também cria relações de pertencimento, participação, igualdade, bem como de segregação e distanciamento. Ressalta-se que o sentimento de pertencimento não pode ser o ser a única finalidade, disposto como algo obrigatório.

Tornamo-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não possuem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que ele percorre, a maneira como age – a determinação de se manter firme e tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade (BAUMAN, 2005, p. 17).

No campo das Ciências Sociais se tem a noção que toda e qualquer identidade é construída ao longo dos anos, visto que, assim como a cultura, ela também pode ser modificada, ou seja, “[...] a cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função essencial e que se acresce às outras [...]” (CARNEIRO DA CUNHA, 1986, p. 99). Nesse sentido, percebe-se que existe uma preocupação desses grupos em mostrarem aquilo que se deseja evidenciar em suas culturas, de forma a lhe favorecer, ao invés de criar estereótipos, conforme a autora elucida:

[...] a escolha dos tipos de traços culturais que irão garantir a distinção do grupo enquanto tal depende dos outros grupos em presença e da sociedade em que se acham inseridos, já que os sinais diacríticos devem se opor, por definição, a outros do mesmo tipo (CARNEIRO DA CUNHA, 1986, p. 100).

A finalidade que esses grupos étnicos têm em demonstrar determinados aspectos de suas culturas é para que as mesmas sejam reconhecidas perante a sociedade, assim, “[...] a identidade passa a ser evocada sempre que um grupo reivindica, para si, o espaço político da diferença” (CRUZ, 2007, p. 117-118). Além disso, uma identidade é considerada por Castells (2008) como “legitimadora” quando é inserida diante de uma instituição hegemônica visando sua expansão, bem como a racionalização da sua dominação. Por sua vez, a identidade “de resistência” advém de atores sociais desfavorecidos ou desvalorizados, no qual constroem formas de resistência na sociedade.

Partindo desse pressuposto, se torna evidente que os diversos povos indígenas constituem de particularidades que grande parte da sociedade desconhece, pois ainda tem o estereótipo de que “índio é tudo igual”, porém cada etnia representa múltiplas diversidades culturais.

Cada povo indígena constitui-se como uma sociedade única, na medida em que se organiza a partir de uma cosmologia particular própria que baseia e fundamenta toda a vida social, cultural, econômica e religiosa do grupo. Deste modo, a principal marca do mundo indígena é a diversidade de povos, culturas, civilizações, religiões, economias, enfim, uma multiplicidade de formas de vida coletiva e individual (LUCIANO, 2006, p. 20).

Diante de tais perspectivas, os participantes do Abril Indígena abordaram a forma preconceituosa na qual muitos brasileiros têm acerca das culturas indígenas. Para Zinha (2020)<sup>15</sup>, o imaginário que foi idealizado sobre esses povos foi constituído de duas formas: a primeira é do “bom selvagem”, no qual os indígenas “aceitaram” ser dominados pelos europeus.

---

<sup>15</sup> Trecho retirado da *live* disponível na fanpage da Rádio Yandê.

E a segunda é do “mau selvagem”, ou seja, são os indígenas que resistiram ao processo de colonização, conforme é destacado pelo antropólogo:

Historicamente os índios têm sido objeto de múltiplas imagens e conceituações por parte dos não-índios e, em consequência, dos próprios índios, marcadas profundamente por preconceitos e ignorância. Desde a chegada dos portugueses e outros europeus que por aqui se instalaram, os habitantes nativos foram alvo de diferentes percepções e julgamentos quanto às características, aos comportamentos, às capacidades e à natureza biológica e espiritual que lhes são próprias. Alguns religiosos europeus, por exemplo, duvidavam que os índios tivessem alma. Outros não acreditavam que os nativos pertencessem à natureza humana pois, segundo eles, os indígenas mais pareciam animais selvagens. Estas são algumas maneiras diferentes de como “os brancos” concebem a totalidade dos povos indígenas a partir da visão etnocêntrica predominante no mundo ocidental europeu (LUCIANO, 2006, p. 34).

Desse modo, percebe-se que os estereótipos acerca das populações indígenas foram apenas repassados de geração a geração, e, mesmo com o acesso facilitado à internet e outras tecnologias de informação, a sociedade ainda tem pouco conhecimento sobre os povos indígenas. No artigo “Cinco ideias equivocadas sobre os índios” de autoria do pesquisador José Ribamar Bessa Freire, publicado no ano de 2002, discute alguns estereótipos bastante difundidos pela sociedade, um deles se trata sobre esse “congelamento” que muitos têm da imagem dos indígenas, associando-os sempre a imagem de: “nu ou de tanga, no meio da floresta, de arco e flecha, tal como foi descrito por Pero Vaz de Caminha. E essa imagem foi congelada. Qualquer mudança nela provoca estranhamento” (FREIRE, 2002, p. 12). Daí a necessidade de os povos indígenas estarem presente nos diferentes meios de comunicação para mostrar que suas culturas não são imutáveis.

Durante o debate, Felipe Cruz (2020) apontou que o ensino público no Brasil é um dos causadores da propagação desses estereótipos, visto que é difundido apenas a imagem dos indígenas no passado e não sobre as culturas no presente e o quanto elas resistiram para manter suas tradições.

Diante disso, os povos indígenas utilizam-se das práticas etnomidiáticas com o intuito de reafirmar suas tradições, assim “[...] a cultura aparece aqui como a antítese de um projeto colonialista de estabilização, uma vez que os povos a utilizam não apenas para marcar sua identidade, como para retomar o controle do seu próprio destino” (SAHLINS, 1997, p. 6). Trata-se, portanto, de uma forma de resistência, visto que durante muitos anos esses povos vem sendo alvo de estereótipos e preconceitos por grande parte da população. Lima (2009) lembra que a identidade indígena está intimamente ligada ao protagonismo que se fortaleceu após a conquista de seus direitos na década de 1980 com a promulgação da Constituição Federal. Nesse contexto, surge “[...] um processo de criação de sujeitos políticos, que se organizam

através da mobilização de uma série de elementos da identidade comum e de caráter localizado, em vista da conquista de novos recursos, em particular, os de natureza territorial” (LIMA, 2009, p. 237).

Portanto, percebe-se que as transmissões ao vivo durante o Abril Indígena, de modo geral, foram uma forma dos etnocomunicadores encontraram para debater acerca das questões indígenas emergentes, visto que as manifestações às ruas não foram possíveis por conta da pandemia, nesse sentido, as discussões durante o mês reafirmaram a identidade desses povos.

Isso se torna evidente durante a *live* realizada no dia 5 de abril intitulada “A década da arte indígena contemporânea”, com a participação de Jaider Esbell, Denilson Baniwa, Juao Nyn, Cris Tupan e mediação de Daiara Tukano. Denilson Baniwa (2020) destacou a relevância que a arte representa, uma vez que por meio dela se pode contar histórias que desconstruam a imagem que muitos têm dos povos indígenas.

Eu sei que está no hype falar de descolonização, e é uma coisa que estamos fazendo desde sempre, até o Ailton fala que se descolonizar e repensar a história, a gente já faz isso desde o primeiro dia que o primeiro europeu pisou nas areias brancas de Salvador – o que acontece é que essa galera que não está ligada na história do Brasil desconhece qualquer história que não seja inventada por eles mesmos [...]. O papel que eu entendo do artista nesse processo é o papel do artista não-indígena na condição da história mundial, eu mesmo conheço a história do Brasil pelas ilustrações do Gugentas do Debrí que estampavam o livro de história onde eu estudava no Rio Negro, mesmo que eu nunca tenha conhecido a Bahia, o Rio de Janeiro, São Paulo [...], então pensando desse jeito eu entendo que os artistas indígenas vão construir uma história que é como a minha avó falava que tem gente que não entende escutando tem gente que só entende quando você desenha, então a gente está desenhando para esse pessoal entender (BANIWA, 2020, texto online).

Desse modo, nota-se que a identidade cultural dos povos indígenas pode se manifestar de distintas formas, seja na arte, na música, na literatura dentre outros, ou seja, “os povos indígenas são grupos étnicos diversos e diferenciados, da mesma forma que os povos europeus [alemão, italiano, francês, holandês] são diferentes entre si” (LUCIANO, p. 40 – 41, 2020). Na figura abaixo podemos observar os participantes utilizando adornos e artefatos pertencentes a sua cultura.



**Figura 18-** Live em celebração a década da arte indígena contemporânea



Fonte: Facebook

Pode se observar também a valorização da identidade dos povos indígenas na *live* “Música Indígena: #YbyFestivalLive” com a participação de Ian Wapichana, Gean Ramos Pankararu, Kae Guajajara, Brisa Flow e Renata Machado, com a apresentação de Daiara Tukano. A transmissão teve como intuito divulgar o trabalho dos indígenas que trabalham com a música, bem como as dificuldades que os artistas enfrentam na cidade. Kaê Guajajara (2020) acredita que por meio da música é possível trazer visibilidade aos diversos povos indígenas, visto que algumas pessoas ainda possuem ideias equivocadas sobre esses grupos. Por sua vez, Gean Ramos (2020) ressalta que cada vez mais os indígenas vêm se destacando com a qualidade musical no Brasil.

Tudo que acontece no Brasil é a partir da nossa música originária, a nossa música originária é a mãe desse país. A gente percebe em grandes artistas famosos a influência das nossas músicas, e eu acho que o que está acontecendo hoje é que nós indígenas estamos cada dia nos preparando e buscando também ocupar os espaços, independente deles serem ofertados ou não, eu acho que a qualidade com que a gente está produzindo está cavando espaço na música popular [...] (RAMOS, 2020, texto online).

Outra *live* que debateu a identidade dos povos indígenas foi “Línguas Indígenas” tendo como convidados os docentes Nanblá Gakran, Ricardo Tupininquim, Hugo Fulni-ô e Altaci Kokama, sendo mediado por Daiara Tukano.

De acordo com o Censo Demográfico realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) existem o total de 274 línguas indígenas no país. Contudo, os povos indígenas apenas conquistaram seus direitos linguísticos a partir da Constituição Federal do ano de 1988. No artigo 210 diz que: “Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e

artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988, Art. 210), assim, é garantida aos indígenas o uso dos seus respectivos idiomas maternos, juntamente com a língua portuguesa, na aprendizagem escolar. De modo geral, as línguas indígenas correspondem respectivamente a sua etnia, raramente ocorre uma mudança no nome, como enfatiza a autora:

No Brasil os nomes das línguas são, na maioria dos casos, os mesmos nomes atribuídos aos respectivos povos: por exemplo, o povo “Xavante” fala a língua “Xavante”. São raros os casos em que se fixou na literatura especializada ou no uso geral um nome distinto para a língua. Aqui temos o caso do povo “Fulniô”, cuja língua é “Yatê”. Existem vários povos bilíngues nos quais convivem a língua indígena e a portuguesa, mas em outros predomina o português como língua materna das crianças (RODRIGUES, 2013, p.10).

Ressalta-se que após o contato com os não-indígenas, a língua portuguesa passou a fazer parte do cotidiano desses povos. Contudo, a língua indígena ainda se configura como característica do etnojornalismo, uma vez que seus comunicadores representam determinada etnia, e, assim buscam valorizar suas culturas.

Diante da relevância do tema, o convidado Ricardo Tupiniquim (2020) começou a discussão fazendo um panorama acerca das línguas indígenas no Brasil:

Infelizmente em 520 anos de história da invasão das terras indígenas por europeus, nós tivemos uma perda absurda, não só na quantidade de línguas, mas de culturas e de população. Segundo um cálculo aproximado do professor Aryon Rodrigues, existiam 1.300 línguas no território brasileiro no momento que houve a invasão em 1.500, e, hoje, dependendo muito do critério que a pessoa use a gente pode dizer que existem entre 180, 270 a 374 povos que falam línguas indígenas. Agora a grande questão é que todas essas línguas estão em risco de extinção [...] embora haja exemplos de línguas que estão ressurgindo porque, nós os povos originários estamos procurando esse resgate, esse movimento de resistência [...]. Vai muito agora dessa resistência e retomada dos povos nativos das línguas que foram nossas e são nossas e que temos que defender (TUPININQUIM, 2020, texto online).

Altaci Kokama Rubim (2020) contou que tem uma pesquisa voltada ao fortalecimento da língua indígena na Amazônia, juntamente com outros Kokamas. No projeto é ofertado uma oficina itinerante nos municípios do Amazonas, tendo como participantes professores e a comunidade local. De modo geral, é realizada a produção de materiais didáticos tanto físico quanto digital acerca das línguas indígenas, como forma de representatividade, assim “[...] quanto mais a língua ocupar os espaços, mas ela se fortalece, mas antes de ocupar esses espaços virtuais e esses espaços físicos, a língua tem que ocupar dentro de nós mesmos [...] eu acredito que é aí que vamos fortalecer a língua dos nossos ancestrais” (RUBIM, 2020, texto online). Nesse sentido, a *live* teve como objetivo abordar sobre a importância que as línguas maternas

representam para a continuidade das culturas indígenas no Brasil, além de apontar as dificuldades em mantê-las no ensino público, uma vez que ainda prevalece a língua portuguesa.

Diante disso, os etnocomunicadores trouxeram diferentes perspectivas que ressaltam a identidade dos povos originários, assim, as discussões que os convidados trouxeram serviram para que o público conhecesse um pouco mais sobre a cultura que envolvem os diversos povos indígenas, se configurando como uma contra-narrativa ao que é publicado nos meios de comunicação de massa.

## 6 CONSTRUÇÃO DAS CONTRA-NARRATIVAS DA MÍDIA ÍNDIA

Desde quando surgiu em 2017, a Mídia Índia vem utilizando de diferentes redes sociais para noticiar e enaltecer as culturas indígenas por meio da publicação de imagens, vídeos, transmissões ao vivo etc. Trata-se do protagonismo indígena sendo representado nas redes digitais e difundido para diferentes públicos. Diante de tais perspectivas, o capítulo que aqui se segue tem como intuito analisar como a Mídia Índia constrói contra-narrativas que valorizam as culturas e identidades indígenas no Instagram, especificamente durante o mês de Abril, uma vez que se trata de um mês de grande representatividade para as populações indígenas de todo Brasil, o período analisado foram os anos de 2020 e 2021. Assim sendo, torna-se relevante pesquisas que evidenciem como os diferentes grupos étnicos abordam conteúdos sobre si.

### 6.1 História da Mídia Índia

A iniciativa foi oficialmente lançada em 2017 durante o 14º Acampamento Terra Livre – evento que reuniu cerca de 57 indígenas com formação na área da comunicação. Os fundadores da Mídia Índia são os jornalistas Erisvan Bone Guajajara, Edvan Guajajara e Flay Guajajara – ambos pertencentes a etnia Guajajara, situada no estado do Maranhão.

Em uma entrevista concedida ao Mídia Ninja, Erisvan comenta o processo para a criação da página no Facebook:

Então, a Mídia Índia foi um processo que, desde quando eu fazia faculdade, quando terminei minha faculdade, eu tive uma ideia: como eu poderia dar um retorno para a minha aldeia? Como eu poderia dar um retorno do que eu tive na cidade e levar para a aldeia? A partir dessa ideia, do ‘Coisa de índio’, a gente capacitou 12 indígenas guajajara, ensinando eles a usar a câmera, como se faz vídeo, como que edita, como que produz curta, como que se faz longa. E a partir desse processo, os jovens ganharam empoderamento na área de comunicação. Então, a princípio, a gente, depois que fundamos esse projeto e capacitamos esses jovens para eles serem **protagonistas** da sua própria história, nós tivemos a ideia de dizer “acho que a gente pode ir além”. Por que não ir além? Então vamos procurar um meio de criar uma mídia que possa abranger todos os povos (GUAJAJARA, 2017, texto online, grifo nosso).<sup>16</sup>

Além disso, a Mídia Índia tem parceria com a Apib, Coiab, Mídia Ninja, Copiô Parente dentre outros coletivos. Inicialmente, a equipe utilizava apenas a rede social Facebook para a publicação de conteúdos voltados aos povos indígenas, mas devido a visibilidade, posteriormente a Mídia Índia expandiu seus conteúdos para o Instagram, Twitter, YouTube e

<sup>16</sup> Disponível em: <https://midianinja.org/news/midia-india-o-futuro-e-atraves-da-comunicacao/>. Acesso em: 09 jan. 2020.

website. Em uma entrevista concedida ao website Amazônia Real, Erisvan Bone Guajajara tece considerações acerca do coletivo Mídia Índia:

A Mídia Índia é projeto de uma rede de comunicação descentralizada que produz e difunde conteúdos e pautas inerentes à questão indígena no Brasil, respeitando as **especificidades** de cada povo, a partir da lógica colaborativa de compartilhamento e de comunicação, conectando e empoderando os jovens indígenas de todo o país. Possibilita a troca de tecnologias, experiências e principalmente a representatividade indígena nos meios de comunicação com a difusão de suas lutas e como mais uma ferramenta de exigência de direitos. Somos uma rede com mais de 100 colaboradores indígenas que atuam na captação de notícias para a nossa rede. Reunimos semanalmente para discutir as pautas da semana e ver o que será veiculado em nossas redes. Recebemos muitas informações em nossas redes dos nossos seguidores; são denúncias, notícias, fotos de algum acontecimento em determinado território (GUAJAJARA, 2020<sup>17</sup>, texto online, grifo nosso).

No que tange as pautas<sup>18</sup>, geralmente as realizam semanalmente e são decididas de forma colaborativa de modo que os indígenas pesquisem sobre a temática. “Por exemplo, se decidimos na semana falar sobre educação indígena, pesquisamos como está essa questão nas tribos, os desafios e as conquistas” (GUAJAJARA, 2020, texto online)<sup>19</sup>.

De acordo com a descrição do perfil no Instagram, a Mídia Índia conta atualmente com nove integrantes, sendo eles: Erisvan Guajajara, Djuena Tikuna – repórteres; Benício Pitaguary e Priscila Tapajowara – fotógrafos; Ronilson Guajajara – cineasta; Edivan Guajajara – designers; Erick Terena – responsáveis pelo áudio e vídeo; Emerson Pataxó – redação e Tipuici Manok – redes. Ressalta-se que o Facebook e as demais redes sociais recebem colaborações de outros indígenas para as publicações, além disso, alguns conteúdos são repostados de outros websites (mantendo a mesma temática indígena).

É importante lembrar que no dia 3 de dezembro de 2020, a Fundação Casa América Catalunya, na Espanha, anunciou a Mídia Índia como vencedora da XIX edição do Prêmio Joan Alsina de Direitos Humanos. O prêmio foi instituído pela Câmara Municipal de Barcelona em memória do padre catalão Joan Alsina, assassinado pela ditadura de Pinochet no Chile em 1973. Devido a pandemia causada pela Covid-19, a cerimônia de entrega da premiação ocorreu em formato virtual, como se pode observar na figura abaixo:

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://midianinja.org/news/midia-india-o-futuro-e-atraves-da-comunicacao/>. Acesso em: 09 jan. 2020.

<sup>18</sup> A pauta trata-se da orientação que os repórteres recebem antes de realizar as matérias jornalísticas.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/cidadania/nossas-novidades/noticias/midia-india-projeto-de-indigenas-utiliza-redes-sociais-para-dar-voz-a-diferentes-povos/> >. Acesso em: 25 jan. 2020.

**Figura 19** - Live em celebração a década da arte indígena contemporânea



Fonte: Internet

Na entrevista concedida ao website Amazônia Real, Erisvan Guajajara comenta sobre a importância do prêmio na luta pelos direitos dos povos indígenas:

Para nós, a Mídia Índia receber o prêmio é muito importante, pois nós povos indígenas estamos sendo violentados diariamente e não temos espaço nos grandes veículos de mídia do país para darmos voz a nossa luta denunciando as invasões em nossos territórios. Ter o reconhecimento do trabalho que estamos executando como comunicadores, tanto nos territórios quanto nos meios online, é a garantia de que estamos no caminho certo [...]. Acredito muito em dias melhores para os povos indígenas do Brasil e afirmo que o momento é de lutar e pedir a demarcação das terras indígenas. Também é hora dos povos originários “demarcar as telas” ocupando os espaços da mídia e levando a voz dos povos originários para o mundo, contando a nossa história como ela realmente deve ser contada. É hora de nós mesmo sermos os protagonistas das nossas raízes (GUAJAJARA, 2021, texto online).

No mesmo ano, Erisvan Guajajara, Flay Guajajara e Edivan dos Santos Guajajara ganharam o #FCVemCasa: 2ª Mostra Nacional de Cinema Ambiental, em Vitória – Espírito Santo, com o filme “Ka’a zar ukyze wà – Os Donos da Floresta em Perigo.

Erisvan atua no movimento indígena desde o ano de 2010, dentro de organizações políticas e como ativista cultural, utilizando a comunicação como forma de empoderamento da juventude indígena. No Maranhão, trabalha com a Coordenação de Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão (Coapima), Rede de Juventude Indígena (Rejuind), além de apoiar a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia (Coiab) quanto a Articulação dos Povos Indígenas no Brasil (Apib)<sup>20</sup>. O indígena participa do movimento indígena desde o ano de 2010, dentro de organizações políticas e como ativista, utilizando a comunicação como forma de protagonismo indígena, além de ser colaborador da agência Amazônia Real, no

<sup>20</sup> Informações da biografia de Erisvan Guajajara disponíveis no site <https://ifnotusthenwho.me/pt-br/who/erisvan-bone-guajajara/>. Acesso em: 20 abril. 2020.

Maranhão, em 2019. Erisvan Guajajara, juntamente com Tipuici Manoki debate a temática LGBTQIA+ entre os indígenas.

### 6.1.1 Mídias Sociais: Facebook, Instagram, e Twitter da Mídia Índia

A primeira rede social criada pela Mídia Índia foi o Facebook, a página possui mais de 50 mil curtidas e mais de 70 mil seguidores. Posteriormente a Mídia Índia foi se inserindo nas outras mídias sociais para divulgar seus conteúdos. A equipe utiliza de recursos como imagens, textos, vídeos, transmissões ao vivo para o compartilhamento de informações na sua página.

No que tange o total de publicações, verificou-se que o grupo teve o quantitativo de 1.715 no período de 2017 a 2019, ressalta-se que desse quantitativo estão inseridas tanto as publicações autorais da Mídia Índia quanto as repostagens de outros sites com notícias envolvendo os povos indígenas.

**Tabela 1** - Quantidade de publicações da Mídia Índia no Facebook

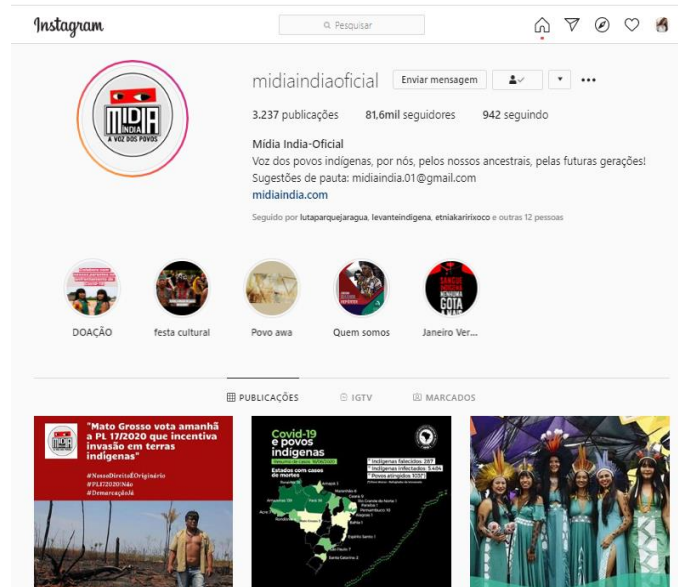
	2017	2018	2019
<b>Mês</b>	<b>Quantitativo</b>		
Janeiro	-	41	48
Fevereiro	-	55	47
Março	-	84	57
Abril	1	85	75
Maio	18	37	55
Junho	76	36	37
Julho	38	35	32
Agosto	76	49	88
Setembro	23	37	22
Outubro	121	30	55
Novembro	101	46	48
Dezembro	72	36	54
<b>Total</b>	1.715 publicações (2017 à 2019)		

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Por sua vez, o Instagram da Mídia Índia possui mais de 80 mil seguidores e é atualizado diariamente com pautas indígenas. Os destaques do Instagram dividem-se em: “doação”, “festa

cultural”<sup>21</sup>, “povo Awa”, “quem somos” e “janeiro vermelho”. Conforme se pode observar na figura:

**Figura 20 - Instagram da Mídia Índia**



Fonte: Instagram (2020)

O destaque “doação” traz alguns links para quem tiver interesse em ajudar os indígenas que vem sendo afetados pelo Covid-19 em suas aldeias e comunidades, como o povo Kambeba, que habita a região Amazônica, visto que “a aldeia já possui caso confirmado de Covid-19 e o abandono dos poderes públicos os coloca em situação de risco. Todas as suas atividades de renda, turismo e artesanato estão paradas” (MÍDIA ÍNDIA, 2020)<sup>22</sup>.

Já no destaque “povo awa” se refere ao trecho da reportagem acerca do povo Awá-Guajá que habita a região do Maranhão, trata-se de um grupo isolado e de recente contato com não-indígenas, tem suas terras como alvo constante de desmatamento.

No destaque “quem somos” é apresentado os colaboradores da Mídia Índia, bem como sua respectiva função no grupo. Concomitantemente, o destaque “janeiro vermelho” traz a imagem da campanha de resistência indígena contra as políticas anti-indígenas do atual governo.

<sup>21</sup> Descrição completa no tópico 3.3.4 da pesquisa.

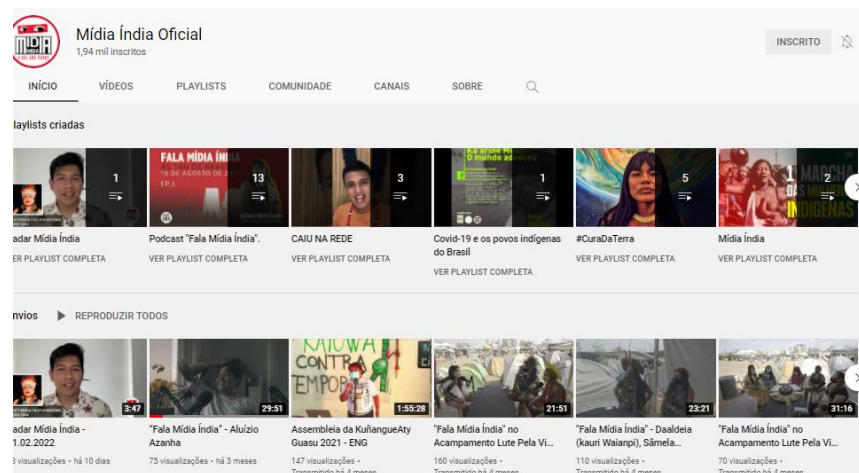
<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17873756938711059/?hl=pt-br>. Acesso em: 16 jun. 2020.



Por sua vez, a Mídia Índia iniciou suas atividades no Twitter no mês de março do ano de 2019 e tem mais de 4 mil seguidores e mais de 300 *tweets*. A maioria dos *tweets* que se fazem presentes são de repostagens do Instagram e Facebook.

No YouTube a Mídia Índia possui mais de mil inscrições e tem mais de 40 vídeos publicados, como se pode observar na figura abaixo:

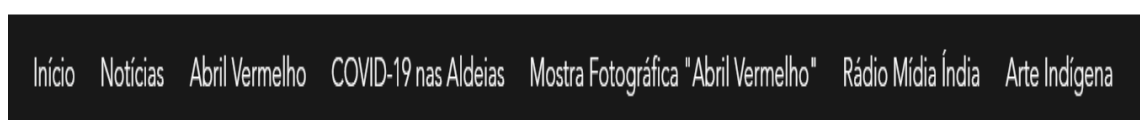
**Figura 21 - YouTube da Mídia Índia**



Fonte: Internet (2021)

No dia 19 de abril de 2020 a Mídia Índia lançou o website com o endereço eletrônico <https://midiaindia.org/> com a finalidade de expandir os conteúdos informativos para além das redes sociais. Inicialmente os menus de acesso ao site apresentavam da seguinte forma:

**Figura 22 - Menus do site Mídia Índia**

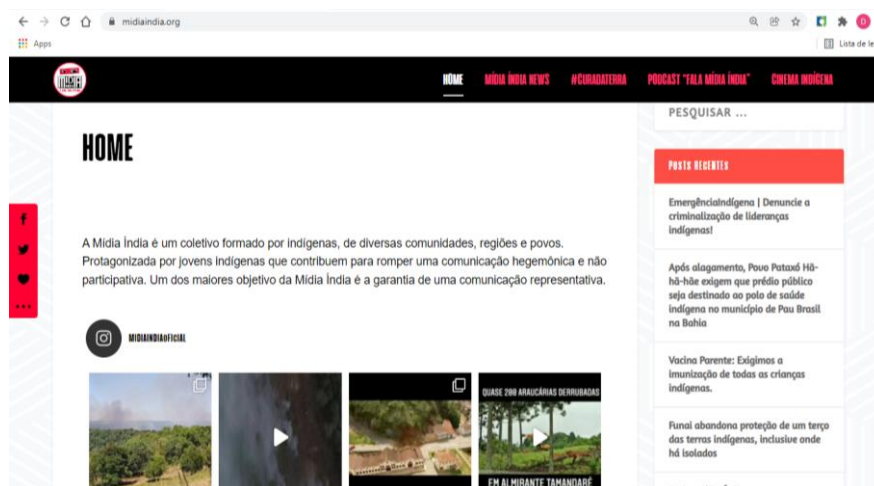


Fonte: Mídia Índia

Posteriormente, o site mudou de *layout* e conteúdo. A Mídia Índia adotou 5 “menus”, intitulados “Home”, “Mídia Índia News”, “#curadaterra”, “Podcasts Fala Mídia Índia” e “Cinema Indígena”. Em “Home” ou página inicial é feito um resumo dos destaques que estão presentes no website da Mídia Índia para que o público se interesse no conteúdo e acesso para obter mais informações. No menu Mídia Índia News são apresentadas em ordem cronológica as notícias referentes aos povos indígenas que foram destaque. Já em “Cura da Terra” é lançado o convite para que no dia 9 de agosto – Dia Internacional dos Povos Indígenas, sejam

compartilhadas publicações que respondessem a seguinte pergunta: “O que ameaça o território-corpo-espírito? Como fazemos a Cura da Terra?” usando a hashtag #CuraDaTerra. No menu “Podcast Fala Mídia Índia” é apresentado uma série de entrevistas que a Mídia Índia realiza com importantes personalidades como a deputada federal Joênia Wapichana, a socioambientalista Paloma Costa, os influencers Yaponã Guajajara, Suhyasun Pataxó entre outros. Por sua vez, no menu “Cinema Indígena” traz alguns vídeos de produções indígenas que fizeram parte da campanha #CuraDaTerra. Podemos observar como se apresenta o website da Mídia Índia:

**Figura 23** - Novo *layout* do site da Mídia Índia



Fonte: Internet (2021)

A criação do website foi para complementar as narrativas das redes sociais da Mídia Índia e oferecer ao público mais conteúdos relacionados aos povos indígenas.

Essa comunicação tem que ser uma revolução, uma revolução que mostre o protagonismo dos povos indígenas que conte a nossa história como ela tem que ser contada, e a gente está ocupando esse espaço hoje que para gente é de grande importância [...] nós somos a galera que está ocupando o espaço que há muito tempo nos foi negado, então a gente está usando essa ferramenta para nós termos essa oportunidade de mostrarmos a nossa história como ela realmente deve ser contada. Porque os grandes veículos de comunicação que temos hoje, eles sempre falam dos povos indígenas do lado negativo e não contam a real história que é vivenciada nas bases, nas lideranças e pelas ocupações [...] (GUAJAJARA, 2020, texto online).

## 6.2 As contra-narrativas indígenas no Instagram da Mídia Índia

Percebe-se que a Mídia Índia busca compartilhar com o público notícias que ocorrem nos territórios indígenas, mas principalmente exaltar as culturas dos povos indígenas, mostrando que cada povo tem suas próprias particularidades.

A primeira publicação analisada foi compartilhada no dia 7 de abril de 2020 e se trata da divulgação do grafismo indígena, como se pode observar na figura abaixo:

**Figura 24 - Grafismo indígena**



Fonte: Instagram (2020)

Diante disso, a publicação ressalta a identidade das culturas indígenas por meio da divulgação do grafismo corporal, uma vez que as mídias tradicionais tendem a divulgar mais as expressões artísticas da cultura ocidental, e em alguns casos “menosprezam” a arte das populações indígenas.

O homem ocidental tende a julgar as artes dos povos indígenas como se pertencessem à ordem estática de um Éden perdido. Dessa forma, deixa de captar, usufruir e incluir no contexto das artes contemporâneas, em pé de igualdade, manifestações estéticas de grande beleza e profundo significado humano (VIDAL, 1992, p. 13).

A legenda da publicação está descrita “Na aldeia, em quarentena fortalecendo a cultura e intensificando os rituais”, sendo assim, o grafismo por representar marcas identitárias da cultura indígena é difundida para o público, pois os desenhos possuem significado (relacionados à sua cosmologia) e sua elaboração segue uma gramática própria deste sistema de comunicação,

obedecendo regras estéticas e morfológicas, portanto não se tem a representatividade da arte indígena nas mídias ocidentais, apenas ganham espaço nas etnomídias.

No entanto, mesmo neste século, apesar da riqueza do material disponível, o estudo da arte e da ornamentação do corpo foi relegado a segundo plano, durante muitos anos, no que diz respeito às sociedades indígenas do Brasil. As razões para essa recusa se explicam pelo fato de a arte ter sido considerada como esfera residual ou independente do contexto no qual aparece. Com isso, ignorou-se o tipo de evidência que o estudo da arte aporta à análise das ideias subjacentes a campos e domínios sociais, religiosos e cognitivos em um modo geral (VIDAL, 1992, p. 13).

Por sua vez, na Figura 5 trata-se acerca do desafio challenge no qual dezenas de indígenas participaram e divulgaram nas redes sociais. O movimento ficou famoso nas redes sociais de pessoas do mundo inteiro, no qual mostra a evolução do processo de maquiagem das blogueiras em poucos minutos de vídeo

**Figura 25 - Desafio challenge indígena**



Fonte: Instagram (2020)

Como se pode perceber, a imagem traz o antes e depois, no qual em um primeiro momento a indígena está usando vestimenta das profissionais não-indígenas que trabalham na área da saúde para posteriormente aparecer usando artefatos de suas culturas, como podemos ver na sequência de imagens. É importante destacar que os adornos que as indígenas utilizam possuem significado para suas culturas.

Os adornos plumários não servem apenas para enfeitar o corpo, e o elemento plumário aplicado a outras superfícies, como armas, instrumentos, musicais, máscara, não podem ser vistos apenas como atributo meramente decorativo. São considerados verdadeiros códigos que transmitem, numa linguagem não verbal, mensagens sobre sexo, idade, filiação clânica, posição social, importância cerimonial, cargo político e grau de prestígio de seus portadores (SAMPAIO, TARDIVO, 2010, p. 10).

No dia 21 de abril de 2021 a Mídia Índia divulgou uma série de publicações que enalteciam as culturas dos povos indígenas, na figura abaixo se trata de um vídeo publicado no qual o indígena diz em sua própria língua nativa acerca do dia comemorado pelas populações nativas como símbolo de resistência.

**Figura 26 - Língua indígena ressaltada na Mídia Índia**



Fonte: Instagram (2021)

Ressalta-se que a publicação enaltece a língua dos povos indígenas, visto que é comum que as mídias permaneçam com a língua da cultura ocidental, contudo existe um número expressivo de línguas indígenas no país. De acordo com o Censo Demográfico realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) existem o total de 274 línguas indígenas no país. Entretanto, os povos indígenas apenas conquistaram seus direitos linguísticos a partir da Constituição Federal do ano de 1988. No artigo 210 diz que: “Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum

e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988, Art. 210), assim, é garantida aos indígenas o uso dos seus respectivos idiomas maternos, juntamente com a língua portuguesa, na aprendizagem escolar. De modo geral, as línguas indígenas correspondem respectivamente a sua etnia, raramente ocorre uma mudança no nome, como enfatiza a autora:

No Brasil os nomes das línguas são, na maioria dos casos, os mesmos nomes atribuídos aos respectivos povos: por exemplo, o povo “Xavante” fala a língua “Xavante”. São raros os casos em que se fixou na literatura especializada ou no uso geral um nome distinto para a língua. Aqui temos o caso do povo “Fulniô”, cuja língua é “Yatê”. Existem vários povos bilíngues nos quais convivem a língua indígena e a portuguesa, mas em outros predomina o português como língua materna das crianças (RODRIGUES, 2013, p.10).

Vale lembrar que após o contato com os não-indígenas, a língua portuguesa passou a fazer parte do cotidiano desses povos. Ricardo Tupiniquim (2020) recorda que no processo de invasão ao Brasil, os povos indígenas tiveram uma perda considerável:

Infelizmente em 520 anos de história da invasão das terras indígenas por europeus, nós tivemos uma perda absurda, não só na quantidade de línguas, mas de culturas e de população. Segundo um cálculo aproximado do professor Aryon Rodrigues, existiam 1300 línguas no território brasileiro no momento que houve a invasão em 1500, e, hoje, dependendo muito do critério que a pessoa use a gente pode dizer que existem entre 180, 270 a 374 povos que falam línguas indígenas. Agora a grande questão é que todas essas línguas estão em risco de extinção [...] embora haja exemplos de línguas que estão ressurgindo porque, nós os povos originários estamos procurando esse resgate, esse movimento de resistência [...]. Vai muito agora dessa resistência e retomada dos povos nativos das línguas que foram nossas e são nossas e que temos que defender (TUPININQUIM, 2020, texto online).

Assim sendo, as etnomídias cumprem o seu papel cidadão no qual enaltecem as culturas das populações indígenas, bem como faz a Mídia Índia, pois constrói contra-narrativas acerca de si, visto que publicações como as que foram analisadas nesse tópico não tem o mesmo espaço nos meios de comunicação de massa.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme evidenciado nessa pesquisa, a partir do avanço tecnológico, percebe-se que diversas populações indígenas tiveram a oportunidade de produzir contra-narrativas por meio de ferramentas etnomidiáticas construídas para dar mais visibilidade a si mesmos, visto que os meios de comunicação tradicionais (rádio, TV e jornais impressos), durante muitos anos foram um dos principais responsáveis em construir um imaginário carregado de preconceitos e estereótipos.

Assim sendo, esta dissertação buscou compreender como as etnomídias fortalecem o protagonismo indígena nas redes digitais, possibilitando assim a construção de contra-narrativas. Ressalta-se que devido a amplitude da temática, realizou as análises em duas etnomídias de grande relevância na divulgação de informativos e valorização das culturas dos povos indígenas, sendo elas, a Rádio Yandê e Mídia Índia.

No âmbito metodológico utilizou-se a netnografia para alcançar os objetivos da pesquisa, uma vez que as etnomídias analisadas estavam presentes no ambiente virtual, sendo assim, foi necessária uma investigação de como os grupos criavam contra-narrativas sobre si mesmos por meio de publicações, sendo elas imagens, vídeos, transmissões ao vivo etc. O período analisado para ambos os grupos foi o mês de abril - mês que simboliza a “resistência” e luta dos povos indígenas do Brasil.

Os resultados obtidos com o estudo evidenciaram que as etnomídias possibilitam uma nova ferramenta para as populações indígenas valorizarem suas respectivas culturas e divulgar o que acontece nos seus territórios, tornando-se uma contra-narrativa ao que que fica “omisso” nos grandes veículos de comunicação. Durante o mês de abril, a Rádio Yandê e a Mídia Índia debateram temas que quando é tratado em outras mídias são produzidos de forma superficial, todavia “[...] para estes comunicadores, o que mais importa não é o volume de publicações feitas ou a quantidade de assuntos abordados, mas sim a profundidade e o respeito com que esses assuntos são tratados (BASTOS; NASCIMENTO, 2020, p. 65). Assim sendo, as etnomídias transcendem aquilo que conhecemos como jornalismo, pois se tem a preocupação em não tratar os indígenas como uma unidade singular, mas com a pluralidade que suas culturas representam.

Durante a realização das análises verificou-se algumas diferenças e semelhanças entre a Mídia Índia e a Rádio Yandê. Dentre as semelhanças, algumas se destacam, como o fato de ambas tratarem temáticas referente aos povos indígenas, buscando sempre valorizar suas culturas e tradições por meio das ferramentas disponíveis, sejam *hashtags*, vídeos, transmissões

ao vivo entre outros. Além disso, os dois grupos realizam *reposts* de publicações em outras mídias, contudo esses compartilhamentos não fogem daquilo que se propõem.

Por sua vez as diferenças são relacionadas a forma na qual são produzidos os conteúdos, visto que o estilo de escrita da Rádio Yandê é mais livre, como se o indígena estivesse conversando com o público, já a Mídia Índia tem o padrão de escrita mais formal, que se assemelha a escrita jornalística, com a diferença que se tem aqui a visão etno.

Recomenda-se que propostas investigativas futuras ressaltem outras etnomídias que enaltecem as culturas indígenas, visto que são infinitas possibilidades de análise, não se limitando apenas as redes sociais a Rádio Yandê e Mídia Índia.

Por fim, acredita-se as etnomídias indígenas são uma forma de protagonizar as contra-narrativas, uma vez que transcendem aquilo que conhecemos como jornalismo, pois se tem a preocupação em não tratar os indígenas como uma unidade singular, mas com a pluralidade que suas culturas representam.



## REFERÊNCIAS

- BANIWA, Denilson. **#AbrilIndigenalive 29**: Mídias indígenas e indígenas nas mídias. Rio de Janeiro, 29 abril, 2020. Facebook: Rádio Yandê. Disponível em: <<https://www.facebook.com/radioyande/videos/328501901459520>>. Acesso em 15 mar. 2021.
- BANIWA, Denilson. **Upurandú Resewara**: Entrevista com Denilson Baniwa. [Entrevista concedida a] Arthur Imbassahy, 2017. Disponível em: <<https://revistausina.com/artes-visuais/upurandu-resewara-entrevista-com-denilson-baniwa/>>. Acesso em: 20 mar. 2021
- BASTOS, Pablo Nabarrete; NASCIMENTO, Letycia Gomes. **Etnocomunicação Ancestral e Decolonial**: Uma Análise Sobre A Webrádio Yandê, 2020. Revista Latino americana de Ciencias de la Comunicación. Disponível em: <<http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1559/705>>. Acesso em 30 de novembro de 2020.
- BATISTA, Daiane Nogueira; SILVA, Lucas Wilame Almeida da; SIMAS, Hellen Cristina Picanço. O outro lado do índio: representações sociais na mídia. **Revista Eletrônica Mutações**. Manaus AM. v. 6 n. 11. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/1001>>. Acesso em 19 jan. 2020.
- CAMPANELLA, B; BARROS, C. (Org.). **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.
- CARNEIRO, Raquel Gomes. **Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais**: a etnomídia cidadã da Rádio Yandê, 2019. Dissertação (Mestrado), Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8195>>. Acesso em julho de 2020.
- CASTELLS, Manuel. **Internet e sociedade em rede**. In: MORAES, Dênis (Org.). Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 255-287.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- CORRÊA, Marcos; Vinícius, ROZADOS. A netnografia como método de pesquisa em ciência da informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 12, n. 2, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.1981-0695.2017v12n2.36531. Acesso em: 25 abr. 2020.
- COSTA, Alda Cristina. 3º **Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**. Universidade Federal de Pernambuco - Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologias na Educação, 2010. Disponível em: <<http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Alda-Cristina-Costa.pdf>>. Acesso em 20 de outubro de 2021.
- DEMARCHI, André; MORAES, Odilon. **Mais algumas ideias equivocadas sobre os índios ou o que não deve mais ser dito sobre eles**. In: Reijane Pinheiro da Silva (Org). Povos Indígenas do Tocantins: Desafios contemporâneos. 1 ed. Palmas: Nagô, 2015, v 1, p. 31-53.

DEMARCHI, André. **Contra-narrativas indígenas: vulnerabilidades e resistências**. Projeto de pesquisa. UFT: 2019.

\_\_\_\_\_. **Contra-narrativas indígenas: vulnerabilidades e resistência**. In: MIRANDA, Cynthia Mara [et al.]. *Vulnerabilidades, narrativas, identidades*. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Tradução Roberto Cataldo Costa; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FERRAZ, C. P.; ALVES, A. P. **Da etnografia virtual à etnografia online - Deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital**. Outubro 2017. Disponível em <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/spg-4/spg10-4/10962-da-enografiavirtual-a-etnografia-online-deslocamentos-dos-estudos-qualitativos-em-rede-digital>>

FERREIRA, E.S. **Etnomatemática: Uma Proposta Metodológica**. Rio de Janeiro: MEM/USU, 1997, 101

GUIMARÃES, Eduardo Silva. **Política dos sentidos assimétricos ética e espaço de enunciação**. In: OLIVEIRA, R. R.; OLIVEIRA, S. E. (Org.); RODRIGUES, M. L.; KARIM, T. M. (Org.). *Linguagem e significação: práticas sociais*. Volume 2. Campinas, SP: Pontes, 2018.

GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. Livros didáticos e fontes de informações sobre as sociedades indígenas no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (Orgs.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º 2º graus**, MEC, Brasília, 1995, p.481-521.

KASEKER, Mônica Panis. **Apontamentos sobre o conceito de etnojornalismo**. 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/viewFile/1334/750>>. Acesso em julho de 2020.

LORIA, Luana. **Manifestações artísticas como contra-narrativas: estudos de caso das periferias do Rio de Janeiro e Lisboa**. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2017.

LUCIANO, Gerssem. **O Índio Brasileiro: O que Você Precisa Saber sobre Os Povos Indígenas no Brasil Hoje**. Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes, volume 1. Brasília: Ministério de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Rio: LACED/Museu Nacional, 2006. ISBN 85-98171-57-3. Disponível em [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio\\_brasileiro.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf)

MELO, Patrícia Bandeira de. **O Índio na Mídia: Discurso e Representação Social**. Fundação Joaquim Nabuco, 2008.

NEVES, Ivânia dos Santos. **A invenção do índio e as narrativas orais Tupi**. 2009. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

NEVES, Ivânia dos Santos; CORRÊA, Maurício Neves; TOCANTINS, Raimundo de Araújo **A invenção do índio na mídia: silenciamentos, estereótipos e pluralidades**. Revista Moara. Edição 40 – jul - dez 2013, Estudos LinguísticoS. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3281/3148>>. Acesso em 20 abr. 2021.

NEVES, Erica Morais Ribeiro. **Protagonismo Guarani-Kaiowá no ciberespaço: em busca da auto-representação**. 2015. Dissertação (Mestrado Comunicação) – Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5133>>. Acesso em: 12 de jan. 2020.

NASCIMENTO, Letycia Gomes. **Etnocomunicação indígena como prática de liberdade decolonialista e ancestral na formação comunicativa da Webrádio Yandê**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2020. Disponível em: <[https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/14483/FINAL\\_Letycia%20Nascimento\\_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20%281%29.pdf?sequence=4&isAllowed=y.D](https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/14483/FINAL_Letycia%20Nascimento_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20%281%29.pdf?sequence=4&isAllowed=y.D)>. Acesso em: 29 mar. 2022.

PAES, Renata da Cruz; SARMENTO, Priscila Sanjuan de Medeiros; PONTES, Altem Nascimento. **Análise da cobertura de sites jornalísticos da América do Sul, Europa e Ásia sobre os povos indígenas atingidos pela UHE Belo Monte**. Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun. [online]. 2021, vol.44, n.1, pp.103-129. Disponível em: <[http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442021000100103&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442021000100103&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20 mar. 2022

PAPPIANE, Angela. Programa de Índio: criando uma ponte sonora entre as culturas. Revista Novos Olhares. Vol.1 N.1. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/download/51452/55519>>. Acesso em 25 abr. 2021.

PEREIRA, Eliete. **Nos meandros da presença étnica indígena na rede digital. Do público para as redes**: A comunicação digital e as novas formas de participação social. In: DI FELICE; Massimo (Org.). Do público para as redes: A comunicação digital e as novas formas de participação social. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008, p.287-333.

PERUZZO, C. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. Galáxia: revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, n. 17, p. 131-146, jun. 2009.

PAULILO, M. A S. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. Serviço Social em Revista. Londrina, v.2, n. 2, p. 135-148, jul/dez.1999. Acesso em 26 de maio de 2019.

SAMPAIO, Ana Paula Lívero; TARDIVO Veruska **Pobikrowska. Kayapó kukrãdjà: manifestações culturais dos povos indígenas**, 2010. Revista Anap Brasil, v 3, n 3.

SANTOS, Katia Costa dos. **Construção multicultural**: reflexões sobre políticas alternativas para o ensino de língua estrangeira. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São, São Paulo, 2002.

TUPINAMBÁ, Anápuàka. **#AbrilIndigenalive 29**: Mídias indígenas e indígenas nas mídias. Rio de Janeiro, 29 abril, 2020. Facebook: Rádio Yandê. Disponível em: <<https://www.facebook.com/radioyande/videos/328501901459520>>. Acesso em 15 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **#AbrilIndigenalive 29**: Mídias indígenas e indígenas nas mídias. Rio de Janeiro, 29 abril, 2020. Facebook: Rádio Yandê. Disponível em: <<https://www.facebook.com/radioyande/videos/328501901459520>>. Acesso em 15 mar. 2021.

TUPINAMBÁ, Renata. **Iniciativas indígenas buscam autonomia no jornalismo**. [Entrevista concedida a] Thais Seganfredo, 2016. Disponível em: <<http://www.nonada.com.br/2016/05/iniciativas-indigenas-buscam-autonomia-no-jornalismo/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. **#AbrilIndigenalive 29**: Mídias indígenas e indígenas nas mídias. Rio de Janeiro, 29 abril, 2020. Facebook: Rádio Yandê. Disponível em: <<https://www.facebook.com/radioyande/videos/328501901459520>>. Acesso em 15 mar. 2021.

TUKANO, Daiara. **Conheça a autora do maior mural feito por artista indígena do mundo, em BH**. [Entrevista concedida a Lígia Nogueira, 2021]. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/07/conheca-a-autora-do-maior-mural-feito-por-artista-indigena-do-mundo-em-bh.htm>. Acesso em: 25 mai. 2021.

WARIU, Cristian. **#AbrilIndigenalive 29**: Mídias indígenas e indígenas nas mídias. Rio de Janeiro, 29 abril, 2020. Facebook: Rádio Yandê. Disponível em: <<https://www.facebook.com/radioyande/videos/328501901459520>>. Acesso em 15 mar. 2021.